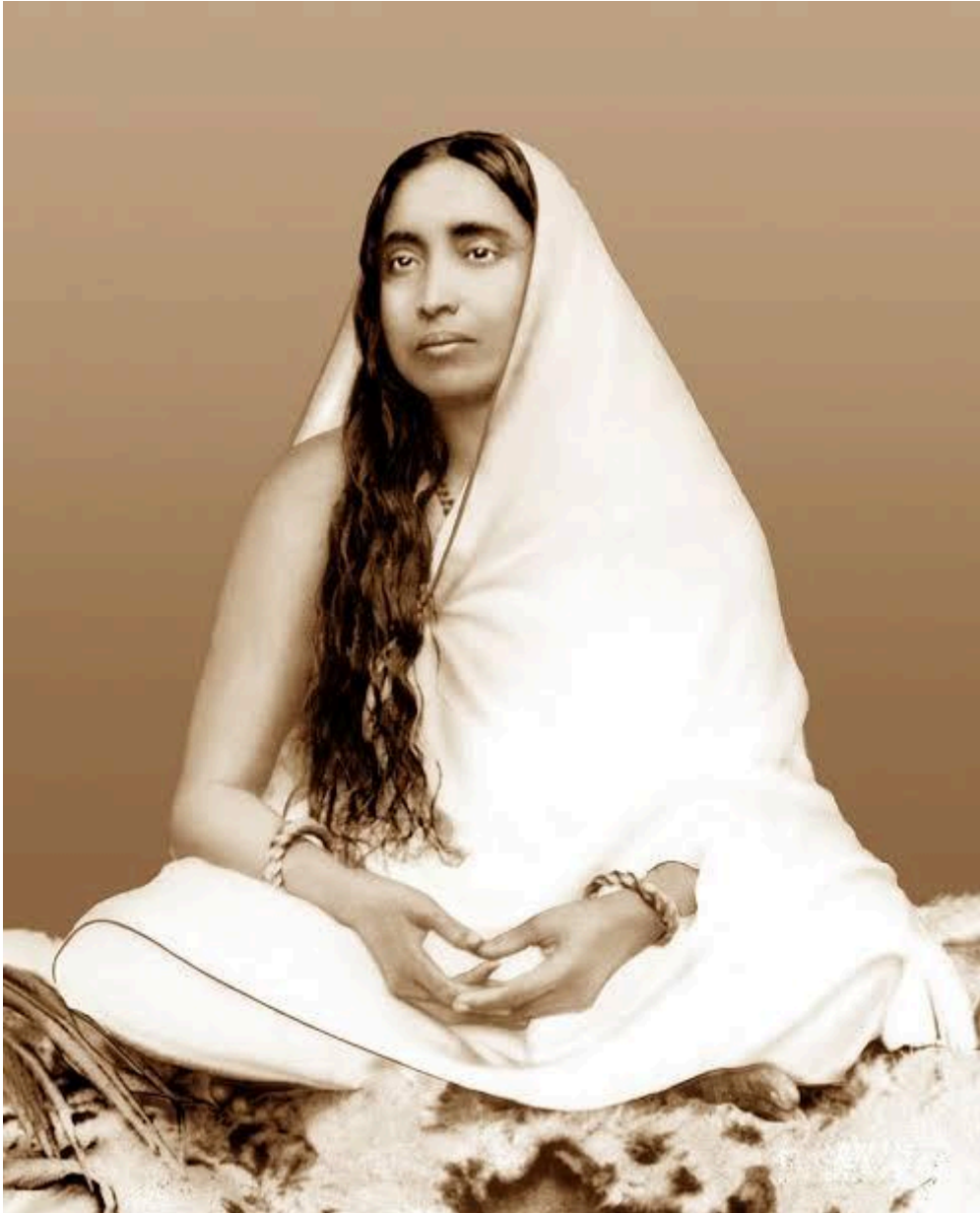


Sri Sarada Devi

Modelo de Virtude

Swami Purushottamananda



Sri Sarada Devi e Viveka (discernimento)

O ano: 1885. Sri Sarada Devi estava ficando em Dakshineswar, em Calcutá. Foi naquele período que ela ficou imersa em servir seu marido, Sri Ramakrishna, e em sua própria e intensa sadhana (prática) espiritual. Sri Ramakrishna resolveu levar seus discípulos e devotos com ele para o famoso festival de Panihati Chidemahotsava.

Situada a aproximadamente oito quilômetros de Dakshineswar, Panihati sediava uma festa anual chamada Chidemahotsava. Seria melhor chamá-la de uma extravagante “convenção de devotos” dos devotos. Era uma imensa congregação dos devotos Vaishnavas. Centenas de devotos de Krishna se reuniam em Panihati e passavam o dia cantando o nome de Deus. Todos que ali chegavam, cantavam e dançavam em nome de Deus. Havia nama-sankirtan [repetição dos nomes de Deus], bhajans [músicas devocionais] e dança sem fim. Sri Ramakrishna já participava daquele evento fazia um tempo, mas não tinha conseguido acompanhar o programa no ano anterior (1884) devido a circunstâncias inevitáveis. Então, para aquele ano, ele tinha planejado comparecer ao Chidemahotsava. Ele era a própria encarnação da bem-aventurança. Podemos imaginar o ambiente mágico que ele criaria em uma festa de devotos, como era o Panihati Chidemahotsava. Assim, inúmeros discípulos e devotos quiseram acompanhá-lo até lá. Algumas devotas também se juntaram e assim se formou um grupo de 20-25 pessoas. Sri Sarada Devi também queria ser parte daquele grupo, mas Sri Ramakrishna não se manifestou sobre o assunto. Por isso, Sri Sarada Devi mandou uma devota perguntar para ele se ela também poderia acompanhá-los. Sri Ramakrishna, assim que soube que a esposa gostaria de ir, respondeu: “Se ela quiser, pode vir”.

Alguém pode se perguntar: por que? Sri Sarada Devi poderia ter ido diretamente a Sri Ramakrishna e perguntar, por que pedir para uma devota? A situação não era assim tão simples. Sri Sarada Devi era tremendamente tímida. O quarto de Sri Ramakrishna estava sempre cheio de devotos, discípulos e as pessoas mais importantes de Calcutá naquele momento. Não tinha a menor chance de Sri Sarada Devi aparecer na frente de todas aquelas pessoas e falar com seu marido, por isso, ela mandou uma emissária.

Quando o momento de partida para Panihati chegou, algumas devotas foram até Sri Sarada Devi para perguntar: “Mãe, você virá conosco?”. Sri Sarada Devi, dotada de um intelecto supremamente sutil e abençoada com um bom senso fenomenal, disse: “Entenda, como posso acompanhar vocês? Tem muitas pessoas no grupo. O barco ficará, literalmente, lotado. E o que dizer sobre o festival? Seria impossível eu me locomover naquele oceano de pessoas. Não, vocês podem ir”.

Dizendo isso, Sri Sarada Devi assistiu ao grupo de devotas partir alegremente. O festival foi muito bom. À noite, quando todos voltaram, enquanto jantavam, Sri Ramakrishna disse: “Meu Deus! Que multidão! Fiquei em êxtase contínuo. Os olhos de todos estavam plantados em mim. Santo Deus! Foi muito bom que ela não tenha nos acompanhado. Se estivesse conosco, aquelas pessoas teriam caçoado de nós, dizendo: ‘Ah, vejam. Ali está o ‘casal-cisne’¹! Ela é mesmo muito inteligente”.

Quando ouvimos essa avaliação feita por Sri Ramakrishna, passamos a perceber porquê Sri Sarada Devi, embora quisesse ir ao festival em Panihati a princípio, mais tarde refutou a ideia. Uma

¹ Sri Ramakrishna era conhecido como o *Paramahansa*. Literalmente, o termo significa “o grande cisne”. É uma honraria concedida a um monge da mais alta ordem da tradição Vedanta. A renúncia dele era lendária. Naquela situação, se ele fosse visto publicamente com sua esposa, as pessoas comuns certamente teriam caçoado deles. Uma vez que ele era o “grande cisne”, as pessoas não teriam hesitado em chamá-los de “casal-cisne”. Foi devido à premonição de Sri Sarada Devi que tal situação embaraçosa não aconteceu. Portanto, ele estava elogiando o intelecto dela.

das devotas, que estava naquela sala durante o jantar, transmitiu aqueles elogios à ela. Então, ela mesma disse: “Quando ele deu a permissão hoje de manhã, entendi que ele não tinha dado uma aprovação completa a que eu fosse junto. Se ele realmente aprovasse que eu fosse, teria dito algo como: ‘É claro! Ela deveria vir conosco!’, mas como ele disse: ‘Se **ela** quiser, pode vir’, ele colocou a responsabilidade da decisão em mim. Depois decidi que seria melhor não ir”.

Antes de analisarmos esse ocorrido, vamos ver um outro acontecimento semelhante.

Sri Ramakrishna tinha um devoto de Marwari chamado Lakshmi Narayan. Ele era um grande homem de negócios. Ele tinha a habilidade de gastar dinheiro como se fosse água. Ele adorava Sri Ramakrishna. Certa vez, propôs guardar dez mil rúpias (naqueles tempos!) no banco em nome de Sri Ramakrishna, para custear seus gastos. Porém, Sri Ramakrishna concordaria com tal proposta? Ele era a renúncia personificada! Ouvir as palavras de Lakshmi Narayan era como ter sua própria cabeça cortada por uma serra - foi assim que Sri Ramakrishna descreveu sua sensação depois. Mas o devoto de Marwari não desistiu. Ele tentou de diversas formas fazer com que Sri Ramakrishna aceitasse a proposta. Sri Ramakrishna dizia em desespero: “Meu bom homem, jamais fale de tal assunto novamente, jamais!”. Ao dizer isso, ele tentou mandar o homem embora, porém Lakshmi Narayan estava determinado. Ele queria fazer Sri Ramakrishna aceitar a proposta do dinheiro. Ele então propôs que depositasse aquela quantia em nome de Sri Sarada Devi. No entanto, se algo pertence a sua esposa, em essência pertence a ele também; Sri Ramakrishna também declinou de tal proposta. O homem de negócios fez então outro plano. Ele disse: “Deixe que eu mesmo fale com Sri Sarada Devi para ver se ela concorda”.

Sri Ramakrishna pensou imediatamente: “Ela é minha esposa, ter vivido todo esse tempo comigo deve ter imprimido minhas qualidades em sua personalidade também. Esta é uma ótima oportunidade de testar sua renúncia”. Então, quando Sri Sarada Devi foi ao quarto dele, ele falou: “Ouça, Lakshmi Narayan quer me dar dez mil rúpias. Já que eu disse que não toco em dinheiro, agora ele quer depositar essa quantia em seu nome. Se você assim quiser, pode ficar com o dinheiro. O que diz?”.

Imediatamente, Sri Sarada Devi disse, sem a menor hesitação: “Como isso poderia acontecer? Se você rejeitou esse dinheiro, por que eu o aceitaria? Além disso, ainda que eu aceite, esse dinheiro seria gasto apenas com as suas despesas. Teria sido, em essência, aceite por você! Todas essas pessoas te amam, te respeitam e te reverenciam principalmente por sua renúncia absoluta. Portanto, não tem como eu aceitar esse dinheiro”.

Sri Ramakrishna temia que ela aceitasse o dinheiro. Quando ouviu sua resposta, ficou muito satisfeito. Foi como se um grande fardo tivesse sido tirado de seus ombros.

Quando analisamos esses dois incidentes, nos deparamos com o extremo e sutil bom senso de Sri Sarada Devi. É muito fácil imaginar como ela reagiria a ambas situações caso fosse uma mulher comum.

“Se ela quiser, pode vir”, quando Sri Ramakrishna disse isso, qualquer mulher comum teria imediatamente agarrado a oportunidade. Não foi o que Ele disse, “pode vir”?! Quem poderia superar o desejo² de ir ao festival? Assim, qualquer outra mulher comum teria focado na parte afirmativa da resposta do marido e ido ao festival. Mas Sri Sarada Devi era extremamente perspicaz,

² Devemos nos lembrar que durante aquele tempo, os meios de comunicação eram medievais. As pessoas mal viajavam, a não ser por urgências. Especialmente as mulheres não tinham muitas chances de viajar. Foi com o início da Revolução Industrial e o consequente avanço tecnológico de trens e carros que as pessoas puderam começar a viajar para longe.

sensível e capaz de um pensamento altamente matizado. Ela focou em “se ela quiser”. Então, quando seu marido adicionou a segunda parte, aquilo claramente significava que *ele não queria*. Usando tal lógica, ela decidiu não ir ao festival. Se ela fosse como qualquer outra mulher, poderia facilmente ter se justificado assim: “Bem, o que há de errado? O que há de errado em eu acompanhar meu marido? Marido e esposa irem a um festival não é algo incomum; na verdade, esta é uma tradição comum. Além do mais, muitas mulheres já o estão acompanhando. Mais uma mulher quase não faria diferença. E também, não é Sri Ramakrishna que sempre diz: ‘Saia para passear de vez em quando, sua mente se refrescará’? Se eu for ao festival, será como um passeio. Também poderei ver o Senhor no templo de lá e participar das festividades”.

Do mesmo modo, no incidente com o devoto de Marwari, Ela também poderia ter argumentado algo como: “O próprio Sri Ramakrishna está dizendo ‘não preciso desse dinheiro. Se quiser, você pode aceitá-lo’. O que há de errado se eu aceitar o dinheiro? Este devoto está dando aquela quantia por vontade própria. Há uma imensa devoção por trás do presente. Por que eu não deveria aceitar? Sri Ramakrishna é um renunciante, totalmente desapegado. É natural que ele rejeite o presente. Porém, não importa o quanto ele seja um renunciante, ainda assim não precisa de duas porções de comida no almoço? E sou eu que estou fadada a preparar essas duas porções e alimentá-lo. Veja quantos devotos se aglomeram aqui! Não devo fazer comida para todos eles? Quanto mais o número de pessoas aumenta, mais mercadorias precisaremos. Apenas quem cuida de tais assuntos conhece os problemas relacionados ao querer organizar tal logística. Assim, o que há de errado em aceitar um dinheiro que chegou repentinamente? Além disso, Lakshmi Narayan quer ganhar mérito espiritual ao dar esse presente. Ele terá prosperidade se aceitarmos. Mesmo por este ponto de vista, seria correto eu aceitar aquele dinheiro”.

Muitos desses argumentos podem ser levantados e a maioria deles parecerá logicamente sólidos e eticamente corretos. As pessoas ao nosso redor na sociedade aceitariam a maior parte desses argumentos, mas se olharmos bem de perto, ambos incidentes - o festival de Panihati e a doação do devoto de Marwari - não podem ser justificados com argumentos lógicos. Decisões deste tipo não emanam do intelecto que costumamos possuir. Tais decisões surgem apenas de um intelecto que foi purificado pela luz do Espírito. Em sânscrito, temos uma palavra específica para tal intelecto, é chamada “*viveka*”. Uma vez que Sri Sarada Devi possuía *viveka* em abundância, era impossível que ela se decidisse por qualquer um dos caminhos enumerados acima.

Podemos identificar claramente a diferença entre intelecto e *viveka* nesses dois incidentes. Enquanto o intelecto cresce, enquanto se desenvolve e fica afiado, não é necessário que *viveka* floresça no indivíduo. Podemos observar os inúmeros exemplos no mundo ao nosso redor, onde até mesmo pessoas inteligentes tomam decisões erradas e sofrem as tristes consequências depois. Quando fazemos isso, percebemos o quanto é importante despertar *viveka* nas pessoas com urgência. Apenas um intelecto que amadureceu ao ponto de *viveka* pode nos levar ao nosso destino espiritual. Se o intelecto puder se desenvolver da sua própria maneira, sem deixar que ele amadureça ao ponto de *viveka*, será um obstáculo para a completa manifestação das potencialidades de nossas almas. Não só isso, mas tal intelecto também irá cortar aquela “voz doce e delicada” que é inerente a todos. Os *Upanishads* têm uma maneira maravilhosa de descrever tal intelecto: “No intelecto esconde-se o Senhor Supremo, que está sentado dentro de nosso Eu mais íntimo - *Brahmanah koshosi medhaya apihitaha*”. Portanto, devemos lutar muito para obter este tesouro inestimável chamado *viveka*. Como fazer isso? Devemos estar em companhia dos monges e das pessoas nobres, estudar as vidas e mensagens dos santos e profetas que tinham *viveka*. Este é o único caminho.

Sri Sarada Devi demonstrou o mais elevado viveka em cada passo em sua vida. Todas e cada uma de suas palavras, todas e cada uma de suas ações, estão repletas do mais elevado viveka. A vida dela é uma eterna lição sobre viveka! Se estudarmos sua vida pura e meditarmos em suas palavras, viveka despertará naturalmente em nós também. Não devemos duvidar disso.

O que exatamente é viveka? Seria o bom senso? Seria o sentido de certo e errado? Os estudiosos traduzem essa palavra em sânscrito como “discriminação”. Os cristãos a traduzem como “discernimento”. Tais palavras em inglês não transmitem o significado completo incluso na palavra em sânscrito “viveka”. A palavra “discriminação” deve ser usada com cautela. Devemos lembrar que esta é uma palavra carregada hoje, que, em primeiro lugar, é usada para referir-se a situações a respeito de desigualdade de gênero, casta, raça e religião, mais do que em qualquer outro sentido. No entanto, a maioria da literatura espiritual continua a usar essa palavra como tradução de viveka, cujo sentido se refere à habilidade de diferenciar entre o que é certo e o que é errado. Porém, na vida diária, as situações nunca são simples e diretas, nem preto ou branco. Muitas situações em nossa vida diária simplesmente não podem ser classificadas como certas ou erradas. Raramente conseguimos decidir se uma ação específica nossa é ética ou não. É especialmente em tais dilemas que a vida da Santa Mãe Sri Sarada Devi nos oferece luz. Mas devemos nos esforçar - devemos, diligente e repetidamente, estudar sua vida e mensagem.

É muito interessante notar como Sri Sarada Devi, certa vez, resolveu um dilema relacionado às atividades de serviço social da Missão Ramakrishna. O Ramakrishna Ashrama de Koalpara estava organizando um dispensário de remédios para caridades. Um dispensário para caridades, por definição, significa algo que servirá aos pobres e indigentes, no entanto, junto aos pobres, algumas

peessoas abastadas também iam ao dispensário e aproveitavam dos remédios gratuitos. O diretor do Centro foi até Sri Sarada Devi, contou a ela sobre os acontecimentos e perguntou: “Não deveríamos parar com essas atividades?”. O que acham que ela respondeu? “Bem, é claro! Um dispensário para caridade é feito apenas para os pobres e necessitados. Qual o sentido em ter pessoas ricas se beneficiando de tal dispensário? Tal ato deve ser contido imediatamente. Prepare uma lista de todas as pessoas pobres e indigentes daquela área. Dê um papel para cada uma delas e apenas quem tiver aquele papel poderá obter tratamento e remédios”. Ela teria dito algo assim? Nada perto disso! A maneira como Sri Sarada Devi olhou para este problema é único. A esfera do intelecto é bem estreita e governada pela lógica seca. Ela, no entanto, vivia nas alturas celestes de viveka, uma esfera que é extensa e profunda.

Ao monge que perguntou se ele deveria impedir pessoas ricas de se aproveitarem do dispensário, ela respondeu com aquele ar elevado: “Veja, você deve ter consideração por todos que venham pedindo algo a você. Não deixe que eles vão embora de mãos vazias”.

Que resposta maravilhosa! Nosso entendimento comum é o de que alguém que tenha dinheiro, terras, joias e posses assim seja uma pessoa rica, mas Sri Sarada Devi está nos ensinando “aquele que quer é um homem pobre, aquele que não quer é rico”. Observe o viveka em tal afirmação. Mesmo de um ponto de vista puramente transacional e administrativo, ela tomou uma decisão incrível. Uma pessoa vai ao dispensário buscando remédios. Se passarmos a investigar se ela é rica ou pobre, imagine o pesadelo logístico que isso criaria; além disso, onde está a sacralidade do serviço? Os monges da Missão Ramakrishna executam serviços para o próprio desenvolvimento espiritual. Qualquer atividade de serviço que não leve ao desenvolvimento espiritual é suicida! Além do mais, é muito difícil, quase impossível determinar se alguém é

rico ou pobre a partir meramente de uma investigação superficial daquela pessoa. É possível que uma pessoa vestida com roupas comuns possa ter muito dinheiro e, de fato, ser rica. Do mesmo modo, alguém que está bem vestido pode, na verdade, estar em más condições econômicas. Quem pode realmente dizer? Há ainda outro possível cenário: quando uma pessoa influente vai a um dispensário de caridade, ela pode se impressionar com a dedicação dos trabalhadores e fazer uma robusta doação à causa! Assim, de qualquer maneira que se olhe para a situação, a decisão de Sri Sarada Devi foi realmente incrível, digna de saudações.

Até as ações comuns da Santa Mãe tinham um selo inequívoco de viveka. Há inúmeros exemplos onde suas interações com as pessoas revelavam seu discernimento. Como exemplo, vamos ver uma história.

Quando ficava em Jayrambati, ela tinha um brahmachari que a servia. O nome dele era Jnan Maharaj. Ele estava tentando conseguir leite grosso, sem adulterações, para a casa dela. Ele sentia que o leite que era destinado à casa dela precisava ser puro, sem ser misturado com água. Um dia, ele disse ao leiteiro: “Meu bom homem, ainda que você dê sete litros de leite por uma rúpia, eu não me importo. Preciso que o leite seja totalmente puro, você me entende?”.

A devoção que Jnan Maharaj tinha pela Santa Mãe era sem comparações. Além disso, como havia crianças pequenas na casa dela, realmente havia uma necessidade urgente de leite grosso. Porém, mesmo assim, Sri Sarada Devi não aprovou o que Jnan Maharaj tinha feito. Ela imediatamente o chamou e disse: “O que está fazendo? Aqui conseguimos comprar meio litro por três paise (um paise equivale 16/4 de rúpia). Por isso, até as pessoas pobres podem comprar e beber leite. Mas você está inflacionando o preço do leite sem pensar nos outros! Aquele homem é o leiteiro, afinal de contas. Leiteiros sempre irão misturar água no leite. Agora, se

você começar a pagar mais, ele vai acrescentar ainda mais água”. Observe como Sri Sarada Devi demonstra seu afiado senso prático no caso. Além disso, note também como ela se preocupa caso o leite suba de preço e afete o povo de seu vilarejo.

Certa vez, um devoto veio a Kamarpukur e quis uma impressão do pé³ da Santa Mãe. Sri Sarada Devi foi adorada por milhares ainda em vida. Ela abençoou com mantra-diksha (iniciação) centenas de devotos; Ela era a Diksha Guru para eles. Por isso, não há surpresas em um devoto pedir uma impressão dos pés dela. E não seria questionável se ela realmente desse a ele a impressão de seus pés. Porém, a supremamente inteligente e sensível Santa Mãe jamais poderia tomar uma decisão baseada em algo superficial! Ela não concordava com isso. No entanto, ela não machucou os sentimentos daquele devoto ao dizer “não” diretamente. Como ela lidava com tais requisitos? Veja o que ela respondeu: “Aqui não é o melhor local para pegar uma impressão de meus pés. Ninguém aqui tem o mesmo ponto de vista que você. Por exemplo, os Lahas, muitos da família deles frequentam esta casa, se meu pé estiver vermelho por causa do agar, terei que me esconder quando eles chegarem”.

Vemos aqui que mesmo quando Deus encarna como ser humano, o quão cuidadoso o Senhor precisa ser nas interações humanas. Na tradição hindu, apenas uma mulher casada, cujo marido está vivo, pode aplicar o agar vermelho no pé⁴. Ainda que fosse para obter uma impressão do pé, se ela aplicasse a pasta vermelha no pé e as pessoas de sua vila vissem os pés dela vermelhos, certamente teria dado o que falar. Ela não dava a ninguém a mínima oportunidade para tais fofocas. Essas previsões

³ A impressão dos pés é um artigo de adoração. Um pigmento de cor vermelha forte, feito com agar, é aplicado na sola do pé de um santo. Depois, um tecido branco é pressionado contra a sola. A impressão é mantida como um souvenir sagrado e adorado em um altar pessoal como uma relíquia sagrada. É geralmente feita pelo Guru de determinada pessoa.

⁴ Nas tradições hindus ortodoxas, regras de conduta estritas são impostas às mulheres. Regras de conduta diferem entre mulheres solteiras e casadas. Também há regras diferentes para mulheres casadas e viúvas. Devemos lembrar que Sri Ramakrishna havia partido e que Sri Sarada Devi seguia as regras de conduta aplicáveis àquele estágio de sua vida.

eram seu viveka! Nenhum santo é reverenciado em seu local de nascimento. Sri Sarada Devi sabia disso muito bem. Nascida e criada em um vilarejo, embora fosse adorada como a Mãe Divina, a Mãe do Universo, a Deus Suprema, aos olhos rurais das pessoas de sua vila, ela era apenas mais uma mulher interiorana, assim como qualquer um deles. Ela estava totalmente ciente de sua natureza divina; centenas de devotos de coração puro haviam reconhecido a divindade brilhando através de sua personalidade. Ainda assim, ela tinha todo o cuidado para não perturbar a visão daqueles que não viam nada mais nela além de uma mulher rústica da vila. Mesmo enquanto ela revelava seus jogos divinos como Sarada Devi, o quanto de viveka ela incorporava! É muito incrível de observar. Ela era a própria Mãe Divina, ela era a Energia Primeva de toda a existência. Se ela exibisse seu poder, todos os mundos teriam que aceitá-lo e curvar suas cabeças àquele poder supremo. Para além de tudo isso, para nos ensinar, seus filhos, percebiam quão cuidadosamente ela caminhava, assim como um ser humano comum, em cada passo de sua vida.

Outro incidente parecido: ela morava em Udbodhan na época, uma devota trouxe um sari de bordas vermelhas e o ofereceu à Mãe dizendo: “Você precisa vestir este sari”. Aos olhos daquela mulher, Sri Sarada Devi não era viúva, ela era a própria Mãe Divina. Não havia necessidade de que Sri Sarada Devi se curvasse às tradições sociais, já que ela era a Mestra de todo o universo. Assim sendo, ela poderia vestir tal sari. A Santa Mãe de fato vestiu o sari, mas apenas por pouco tempo, depois ela o tirou e o colocou de lado, dizendo à devota: “Veja, seja sensata. Não posso vestir este sari sempre. As pessoas zombariam de mim dizendo: ‘A esposa do Paramahansa agora se enfeita com saris de bordas vermelhas’. Por isso, deixe o sari comigo e eu o usarei apenas quando for ao rio para tomar banho”.

“O que importa se nos comportarmos conforme as normas sociais? O que importa é: nos comportarmos conforme nossa

própria mente superior”, é algo que todas as religiões afirmam. Verdade, porém, na maioria das situações devemos seguir as normas da sociedade na qual vivemos. Encontramos sutilezas assim na vida de Sri Sarada Devi. Em inúmeros exemplos como este, vemos claramente viveka emanando através de suas palavras e ações.

Ela não era como aquelas yoginis e tapasvinis [uma mulher asceta] da era dos *Vedas* ou dos *Upanishads* que viviam em cavernas e florestas, longe da sociedade. Ela viveu a vida toda em ambiente familiar, profundamente enredada nas complicações do lar, as quais eram dela e também não eram. Havia, de fato, um motivo muito profundo para que ela vivesse com aqueles parentes briguentos da maneira como fez. E qual era o motivo? Uma pessoa pode estar, verdadeiramente, em um nível de paz suprema mesmo enquanto vive neste mundo, dentro de um lar comum, como membro de uma família, com todas as consequentes armadilhas de parentes briguentos e problemáticos por perto. Ela queria passar esta mensagem, alta e direta, para nós. Se alguém estudar sua vida a fundo e incorporar seus pensamentos, palavras e ações cheios de viveka em sua própria vida, até o mais ordinário dentre nós poderá levar uma vida em êxtase, tendo a uma vida plena.

É muito notável observar o quanto ela era cuidadosa mesmo enquanto lidava e interagia com seus parentes mais próximos.

Ela tinha quatro irmãos. O irmão mais novo, Abhayacharan, havia falecido em decorrência da cólera. Em seu leito de morte, ele implorou para sua irmã que cuidasse de sua esposa e filha. Ela manteve sua palavra e cuidou imensamente da esposa dele, Surabala, e da filha, Radhu.

Os outros três irmãos, embora tivessem suas próprias fontes de renda, sugavam deliberadamente a irmã, dependendo dela para tudo. Nenhum deles era tão novo, todos eram adultos, porém

nunca amadureceram o suficiente para levar suas vidas com responsabilidade. Os três eram extremamente egoístas, extremamente gananciosos e extremamente desconfiados e ciumentos uns dos outros. O mais velho, Prasanna, teve duas filhas, Nalini e Maku. Quando sua esposa faleceu, ele casou-se novamente. Então, como geralmente acontece em tais situações, tanto Nalini quanto Maku passaram a viver com a tia, Sri Sarada Devi. Deste modo, a Santa Mãe teve que encarar o fardo de uma família que era dela, mas que não era ao mesmo tempo.

A filha de Prasanna, Nalini, sofria de mania de limpeza. Seu comportamento maníaco irritava a todos em casa, que já estavam cheios daquilo. Além disso, todas as crenças cegas e superstições, associadas à mentalidade rural medieval indiana, tinham raízes profundas na mente dela e estavam firmemente alojadas em sua personalidade. Acrescente a isso o intenso ódio que Nalini e Surabala sentiam uma pela outra. Havia briga constante, com gritarias altas e palavrões sendo proferidos o tempo todo, com ambas sempre prontas a dizê-los. Porém, elas faziam parte da mesma família. Era responsabilidade de Sri Sarada Devi manter a família junta. Ela havia dado um local de respeito, prestígio e status mesmo para aqueles tipos de personagens irresponsáveis, imaturos e infantis em sua família. Certa vez, ela explicou seu método para um devoto muito próximo da seguinte maneira:

“Veja, seja qual for o trabalho que você faça, você deve considerar o ponto de vista de todos em casa. Todos os membros devem ter um lugar em casa. A cada membro do lar deve ser dada liberdade para viver e atuar. Porém, você também deve manter a atenção para que eles não cometam enganos. Deixe-me explicar com um exemplo. Veja aquela bandeja ali. Ela contém todos os itens que quero enviar para a casa do marido de Radhu como presente de Ano Novo⁵. Porém, levarei a opinião de Nalini em

⁵ Na maioria das famílias hindus, há uma tradição de enviar presentes para o lar paterno das noras durante o Ano Novo. Este é um costume que se desenvolveu na sociedade para garantir relações familiares saudáveis.

consideração sobre o assunto. Você sabe como é a relação entre Nalini e Surabala: a relação de gato e rato! Nalini não suporta Surabala e, da mesma forma, não há ninguém pior do que Nalini aos olhos de Surabala. Uma não tolera nem sequer a sombra da outra. Vou mostrar esta lista de itens para Nalini e perguntar: ‘O que você tem a dizer, Nalini? Quais desses itens devemos mandar para a casa do marido de Radhu? Me diga o que você escolheria’. Ela vai olhar atentamente a lista de itens que preparei e provavelmente dirá: ‘O que é isso, tia? Por que tão pouco? Isso não é o suficiente. É verdade que Radhu e a mãe dela não se comportam direito com você. Elas são loucas. Mas você tem um status próprio a manter. Por que você deveria ser assim miserável? Por que as pessoas olhariam feio para você? Você deve mandar presentes de acordo com seu prestígio e status’. Assim, ela mesma aumentará a lista de itens que eu dei! Eu me divirto por dentro! Porém, se eu mandar os itens para a casa do marido de Radhu sem consultar a opinião de Nalini, e se ela souber que enviei tais presentes, ambas certamente terão uma briga. Assim, há muitos benefícios em manter-se comedido e estender aos outros um pouco de liberdade para atuar. Quando interajo com todas essas pessoas orgulhosas ao meu redor, analiso suas mentalidades atentamente. Eu caminho com muito cuidado no meio delas. Porém, mesmo com tudo isso, a natureza delas muda? Apesar de tanta precaução da minha parte, de vez em quando a natureza delas emerge e elas entram em briga. O que posso fazer? Eu penso comigo mesma: ‘Tudo isso é o mundo de Sri Ramakrishna. Ele mesmo tomará conta de todas essas coisas insignificantes. Eu não tenho nada a fazer com relação a isso’”.

Para aqueles de nós que vivem em família ou em uma organização, tais palavras da Santa Mãe, repletas de viveka, são um conselho inestimável. Cada frase nesta maravilhosa passagem vale nossa meditação. Pessoas de mentalidades e atitudes diversas convivem sob o mesmo teto em famílias e organizações. Se elas querem viver em paz e harmonia, se elas querem viver

uma vida livre de brigas, tais palavras de experiência de vida são muito úteis. Devemos pensar em tais palavras e meditar sobre elas. Sri Sarada Devi, que havia atingido o pico mais alto da experiência espiritual, viveu como uma mulher rural extremamente comum, com todas as questões da vida do lar. Se indagarmos porque ela fizera isso, a resposta se encontra na passagem que mencionamos acima. Era precisamente porque ela vivia em tal situação mundana que ela conseguia nos conceder tais conselhos repletos do mais alto viveka e que nos modificam e nos enchem de vida.

O segundo irmão de Sri Sarada Devi, Kalikumar, tinha um temperamento terrível e era frequentemente mal educado. Até seu rosto, assim como sua natureza, era brusco. Ele era extremamente autoritário e um maníaco controlador. Assim, ele corria à menor oportunidade de assumir a liderança em casa. Sri Sarada Devi conhecia a natureza dele muito bem e, por isso, sabia exatamente como lidar com ele, baseado no momento e na circunstância. Citamos os seguintes acontecimentos como provas disso.

Radhu deu à luz um menino. O dia do Annaprashana⁶ foi marcado. Sri Sarada Devi estava organizando as coisas para a cerimônia. Muitas pessoas tinham sido convidadas e seriam alimentadas suntuosamente. Compras precisavam ser feitas para tal propósito. Kalikumar estava, é claro, pronto para assumir tal responsabilidade, porém, ele não tinha controle sobre as despesas. Ele gastava dinheiro como água, até mesmo desperdiçando. O dinheiro da irmã era como fundos públicos para ele, não precisava prestar contas! Ele pagava quantias exorbitantes por coisas triviais e fazia uma grande bagunça com relação a tudo. Assim, Sri Sarada Devi chamou o brahmachari Varada Maharaj e disse para ele:

⁶ De acordo com as tradições e costumes hindus, um ser humano deve passar por determinados rituais em idades específicas da vida. São basicamente ritos de passagem. A partir do momento da concepção no ventre materno até a morte, todos os estágios importantes da vida estão associados a um ritual específico. Quando a criança é tirada da amamentação e começa a comer comida cozida, o ritual associado a isso é chamado de Annaprashana.

“Veja, não estou com muito dinheiro agora. Se eu pedir para Kalikumar fazer as compras, a despesa será imensa. Por isso, quero que você compre todos os itens caros. Então, para os itens menores, pedirei que Kalikumar os compre. Se não for assim, ele fará birra dizendo: ‘A irmã me ignorou durante tal importante celebração em casa!’”.

Veja como Sri Sarada Devi era prática!

Era possível para ela lidar com o irmão desta maneira durante a cerimônia de Annaprashana do filho de Radhu. Porém, alguns dias depois seria o aniversário de Sri Sarada Devi. Ela não conseguiu lidar com ele da mesma maneira. Alguns dias antes do aniversário, Kalikumar se aproximou da irmã e começou a dizer: “Irmã, vendo o número crescente de pessoas nesta casa, não acho que a cozinheira atual dará conta da cozinha. Acho que devemos colocar um cozinheiro. Além disso, seu aniversário está chegando e muitos devotos virão para cá. Talvez tenhamos que aumentar a quantidade de compras necessárias para a cozinha. Varada é apenas um menino. Ele não conseguirá lidar com tudo isso”.

Kalikumar insinuava indiretamente que era a pessoa certa para sustentar a responsabilidade de comprar os itens para as celebrações vindouras. Ele havia perdido a oportunidade durante o Annaprashana do filho de Radhu. O brahmachari Varada havia feito todas as compras importantes! Por isso, ele começou a tomar medidas de precaução daquela vez. Ele não deixaria a oportunidade passar. Sri Sarada Devi rapidamente leu a mente dele e deu-lhe uma grande parte da responsabilidade na organização da celebração de seu próprio aniversário. Porém, ela não concordou com a proposta de contratar um cozinheiro e disse a ele: “Olhe, Kali, minha casa é cheia de mulheres jovens e adultas. Como posso ter um cozinheiro aqui? Você pode contestar: ‘O que há, Varada e outros homens também estão aqui, não é?’, mas você deve considerar esses jovens como as moças jovens.

Você também citou que o número de devotos está aumentando, isso de fato é verdade. Por isso, as compras no mercado devem ser feitas de acordo com isso, mas tome cuidado com os preços. Pesquise em lojas diferentes e tente conseguir uma boa barganha”.

Tendo assim falado com Kalikumar, ela chamou o brahmachari Varada de lado e o instruiu: “Veja, Varada, desta vez estou dando o serviço das compras para Kali. Ele está planejando isso há dias. Se eu não der uma chance, uma liberdade, ele ficará bravo e causará tumultos”.

Neste acontecimento, temos uma direção muito clara sobre como lidar com os membros da família de mau temperamento. Puxe um pouco e afrouxe um pouco!

Sri Sarada Devi é elogiada como a “Personificação da Pureza”. Durante sua vida, inúmeras pessoas a adoraram como a Mãe Divina do Universo. Não estamos aqui falando de devotos comuns, ela foi, literalmente, adorada por gigantes espirituais como Swami Vivekananda, Swami Brahmananda e outros assim. Mais importante, ela foi adorada como Adyashakti pelo maior avatar, o próprio Sri Ramakrishna. Apesar disso tudo, observe como ela praticou seus jogos divinos com grande precaução, amarrando-se às correntes de viveka em todos os momentos. Estudar este fenômeno poderia ser uma poderosa sadhana espiritual para todos nós. Vamos ver um exemplo disso:

Sri Sarada Devi voltou para Calcutá após sua viagem para o sul da Índia. Ela perguntou sobre um monge de Belur Math: “Onde ele está agora? O que está fazendo?”. Os outros monges responderam de maneira a elogiar aquele monge: “Mãe, ele tem procurado ansiosamente encontrar com você nos últimos três meses. Ele está agitado por querer te ver. Ele não terá paz mental até que te encontre”.

Ela não ficaria feliz em ouvir isso sobre aquele monge? Mas não foi este o caso. Ao contrário, com grande pesar ela disse: “Que absurdo! Um monge deve cortar todas as amarras pessoais. Como mais ele progredirá? Uma corrente de ouro continua sendo uma corrente. Um monge deve ser muito cauteloso para não ser pego pelas ilusões deste mundo. O que de fato é isso? Ficar choramingando ‘O amor de mãe, o amor de mãe’, ou sempre se diminuindo ‘Ah, ainda não obtive a graça da Mãe’! Que absurdo é isso! Não gosto de homens ao meu redor. Além disso, é um corpo humano que tenho. Muito antes de vocês me verem como ‘Deusa’, vocês devem reconhecer que tenho uma forma humana feminina. Preciso me confinar à companhia isolada de devotas jovens e moças de bom nascimento. Lembra-se de Ashu? Sob o pretexto de preparar pasta de sândalo, ou sob um pretexto ou outro, ele frequentava o andar de cima [da casa de Udbodhan, onde ficavam as mulheres]. Eu precisei alertá-lo”.

Precisamos meditar a fundo em tais palavras da Santa Mãe. Se a alma daquele monge estivesse faminta por vê-la, estaria tudo bem. Não importa o quão grandiosa seja uma pessoa, ela não é nada mais do que uma criança diante da Mãe Divina do Universo. Assim, nada mais natural para o monge estar sedento por encontrá-la. Mas, Sri Sarada Devi disse: “Que absurdo! Um monge deve cortar todas as amarras pessoais. Como mais ele progredirá? Uma corrente de ouro continua sendo uma corrente. Um monge deve ser muito cauteloso para não ser pego pelas ilusões deste mundo”. Podemos nos sentir desapontados pela maneira como Sri Sarada Devi, a própria Mãe Divina, respondeu ao choro da alma daquele monge. Para entender claramente a estranha resposta que ela deu, devemos prestar atenção a mais uma afirmação que ela fez depois: “É um corpo humano que tenho. Muito antes de vocês me verem como ‘Deusa’, vocês devem reconhecer que tenho uma forma humana feminina”. O que isso quer dizer?

Um homem pode vestir o manto cor de açafrão e se tornar monge, porém, ele ainda mantém o corpo masculino. Mesmo quando a Mãe Divina do Universo se manifesta como um ser humano como nós, ela é, apesar de tudo, um corpo feminino. Quando homens convivem com mulheres, e mulheres convivem com homens, o que isso pode aparentar para os outros? Eles não farão comentários sarcásticos quando estiverem longe? Então, sejam monges ou monjas, seja a própria Mãe Divina do Universo, isso não daria motivos para que as pessoas os critiquem? Assim que as críticas começam, o ensinamento deles ainda teria poder? As pessoas valorizariam seus ensinamentos? Assim, não se deve ser levado pela emoção. Foi isso que Sri Sarada Devi quis transmitir àquele monge, e ao transmitir esta mensagem para ele, ela está educando a todos nós.

Além do mais, havia ainda outro motivo para que ela dissesse algo daquele tipo. Embora ela mesma tenha transcendido toda a consciência corporal, ela estava cercada de muitas mulheres jovens e adultas. Como alguém se sentiria se homens - sejam eles monges, brahmacharis ou devotos - estivessem sempre frequentando sua casa? Em geral, a presença de um membro do sexo oposto tende a criar um desequilíbrio nas pessoas, especialmente nos jovens. Elas tendem a ficar muito ativas e falantes. Isso, na verdade, revela uma falta de controle mental. No caso de aspirantes espirituais, isto é uma fraqueza imensa, um obstáculo terrível. Grande precaução é necessária para superar tal fraqueza, por isso, ela disse: “Lembra-se de Ashu⁷? Sob o pretexto de preparar pasta de sândalo, ou sob um pretexto ou outro, ele frequentava o andar de cima. Eu precisei alertá-lo”. Com este acontecimento, temos um vislumbre do quanto era sutil a direção espiritual que ela dava a seus discípulos.

A vida da Santa Mãe é repleta de inumeráveis exemplos como estes que nos ensinam viveka. Quando os estudamos, não

⁷ Ashu é o diminutivo de Ashutosh, que era um devoto da Santa Mãe.

podemos deixar de ficar maravilhados pela maneira como cada pensamento, palavra e ação dela surgiam da mais sutil dinâmica de viveka. Ao levar uma vida baseada no mais elevado viveka, ela almejava despertar viveka em todos nós. Assim, sua vida é um farol de luz, uma inspiração viva para a humanidade.

Sri Sarada Devi: Sua graça e simplicidade

Era 1909. O inverno em Calcutá foi severo naquele ano, por isso, alguns devotos próximos pediram à Santa Mãe que usasse uma blusa de lã. Sri Sarada Devi nunca tinha usado uma blusa, o que não era algo típico das mulheres rurais bengalis. Ela enrolava seu sari em volta do corpo. A ponta solta do sari ficava enrolada embaixo de seus braços. Isso era geralmente o suficiente para as mulheres do vilarejo. Porém, naquele ano, o frio estava realmente severo. Acrescenta-se a isso o fato que Sri Sarada Devi estava envelhecendo. Assim, alguns devotos próximos amavelmente insistiam para que, em vez de sofrer com o frio, ela usasse uma blusa de lã. Swami Saradananda conseguiu um suéter em uma loja de roupas importadas para ela. Era uma blusa de lã de marca que valia dez rúpias (que era uma quantia imensa naqueles tempos). Swami Saradananda era um dos que faziam de tudo para garantir o conforto da Santa Mãe! Havia muitos, mesmo dentre os monges, que o criticaram por comprar uma casa para a Santa Mãe em Calcutá. Ele até mesmo contraiu dívidas devido a isso. Não havia fim para seus infortúnios, que só aumentavam por ele lidar com os assuntos da Missão Ramakrishna que crescia. Porém, ele não esmorecia. Ele conseguiu que a casa de Udbodhan fosse construída, levou a Santa Mãe para lá, acomodou-a em sua própria casa e a adorava lá. Assim era Swami Saradananda. Sri Sarada Devi derramava elogios irrestritos a ele dizendo: “Sarat é meu Vasuki [a serpente rei dos Nagas; a serpente que adorna Shiva]. Sarat é minha joia divina”, etc. Em muitos aspectos, ela dependia somente do serviço dele. Quando Swami Saradananda soube que a Santa Mãe estava sofrendo com o severo frio do inverno, ele

comprou a melhor roupa de lã para ela, como um prestativo e devotado filho. Como vocês acham que a Santa Mãe respondeu a este ato? Ela parecia extremamente agradecida pela blusa de lã enviada por seu querido filho, porém, ela a usou por apenas três dias. No quarto dia, ela revelou seus pensamentos íntimos a Saradananda: “Meu filho, uma roupa assim é apropriada para uma pessoa como eu? Mas já que foi você quem me deu, eu a usei por três dias apenas para te agradecer”. Dizendo isso, ela dobrou a blusa e a guardou, para nunca mais usá-la.

Tal acontecimento revela não apenas o viveka da Santa Mãe, mas também sua cultura, sensibilidade e graça. “Não foi um presente de seu querido filho? Além do mais, era realmente benéfico que ela usasse a blusa. Era muito efetivo para manter o frio longe”, isso poderia ser um argumento convincente para que ela continuasse usando a blusa, mas há uma linha muito tênue que diferencia o próprio do impróprio. Não adianta vestir algo que não se encaixa em nossa personalidade e em nossas normas e tradições. Veja quanta precaução ela exercia a cada passo! Uma peça de roupa importada era um claro sinal de riqueza e luxo naqueles dias, e era uma demonstração vulgar de poder perante os olhos das pessoas daquele tempo. Assim era a visão prevenida que ela possuía. Seus devotos próximos e íntimos talvez não a compreendessem, mas como aquilo seria para os outros? Assim, ela decidiu que seria sábio que não usasse aquela blusa de lã. No entanto, veja com qual graça ela explicou para a pessoa que a presenteou o porquê de não poder continuar usando a peça. Devemos meditar na cultura mental que possibilita ações como esta. Parecia que ela realmente precisava daquela blusa, e ela a usou com carinho por três dias. Desta maneira, ela educou Swami Saradananda sobre as várias ramificações de usar tal item caro e de luxo. E quando ela se certificou que ele estava convencido de seus motivos, ela tirou a blusa e a guardou. Devemos observar e apreciar o tato que ela tinha.

Um outro acontecimento: era Durga Puja. Sri Sarada Devi queria algumas roupas novas para suas sobrinhas. Ela enviou um dos bramacharis para comprá-las. Aquele brahmachari em particular era um grande nacionalista, sendo apaixonado pelo movimento Swadeshi [movimento indiano contra produtos importados]. Por isso, ele comprou roupas feitas à mão. Elas eram grosseiras, sem bordas definidas e com cores opacas. Obviamente, nenhuma das meninas gostou. Elas insistiram com a tia que deveriam ganhar roupas boas, já que aquelas não eram de seu agrado. O brahmachari ficou chateado e disse: “Ah, meu Deus! O que vocês precisam é de roupas estrangeiras. Por que deveríamos comprá-las?”. Sri Sarada Devi estava sentada ali perto, assistindo e ouvindo esta estranha conversa. Ela chamou o brahmachari e disse a ele sorrindo: “Meu filho, os estrangeiros também não são meus filhos? Eu não deveria vê-los com os mesmo olhos? Posso suportar ter preferências em meu amor? Vá e compre as roupas que elas querem”. O brahmachari compreendeu os sentimentos da Santa Mãe e sem mais palavras, foi e cumpriu as ordens dela. Embora a Santa Mãe tenha pedido ao brahmachari que devolvesse as roupas nativas e comprasse estrangeiras, não significa que ela não se importava com os sentimentos dele. Dali em diante, sempre que ela precisava de produtos importados, ela pedia para algum outro brahmachari!

Veja esta lição para todos nós! Os sentimentos nacionalistas daquele brahmachari não eram um ideal universal. Eram os sentimentos dele e apenas isso. Ainda assim, veja a graça nas ações de Sri Sarada Devi! Ela respeitava o direito daquele brahmachari em entreter seus próprios sentimentos e nunca mais o mandou comprar produtos estrangeiros. Mesmo se ela tivesse mandado que ele comprasse novamente de algum comerciante estrangeiro, ele não teria se sentido mal. Mesmo assim, ela não forçava suas ideias a ninguém. Ela não obstruiu o direito dele de entreter suas próprias ideias e sentimentos. Veja os extremos da

graça e da sensibilidade nas interações de Sri Sarada Devi que são reveladas neste pequeno incidente. Como foi cativante aquilo!

Sensibilidade e empatia não são apenas marcas de uma personalidade madura, mas também marcos de uma personalidade espiritual, dizem as escrituras. Os *Upanishads* elogiam a habilidade de compreender verdades sutis. O *Bhagavad Gita* classifica a sensibilidade como uma qualidade divina: “*Mardavam hrirachapalam*”. Isto é verdade, se a mente não for sutil, se o coração não for sensível, é impossível elevar-se ao plano espiritual. Isso é porque as verdades espirituais são todas extremamente sutis, extremamente refinadas. Se quisermos compreender a mais sutil de todas as verdades sutis - Deus -, então devemos, religiosamente, cultivar sensibilidade e empatia em nosso comportamento diário. Devemos querer sentir, reconhecer e compreender os sentimentos por trás das palavras e ações de nossos companheiros seres humanos no decorrer de nossa vida diária. Isso desperta a verdadeira empatia em nós. Devemos conter nossas próprias palavras e ações para não machucarmos os sentimentos dos outros. A sensibilidade irá, naturalmente, despertar em nós. Mas devemos lembrar de um ponto importante aqui: empatia, sensibilidade, graça, bondade, não devem se basear em fraqueza. Qualquer qualidade que surja de nossa fraqueza nunca poderá ser uma qualidade espiritual. “*Mardavam*” [gentileza/bondade] ao qual se refere o *Bhagavad Gita* é a manifestação deste poder infinito! Serviço constante às pessoas santas, estudo das escrituras e implacável sadhana espiritual fazem surgir uma qualidade muito especial em nós que é chamada “*mardavam*”, ou sensibilidade. Fraqueza e qualidades divinas como sensibilidade não têm qualquer conexão. Para verdadeiramente compreender o que tais qualidades divinas, como sensibilidade, empatia, graça, bondade, etc., são, devemos estudar com profundidade as vidas de personalidades espirituais e observar como elas manifestam tais qualidades. A vida de Sri Sarada Devi é um farol de luz a respeito disso.

Cada e toda palavra e ação de Sri Sarada Devi estava tão repleta de graça que não havia qualquer aresta em nenhuma delas que pudesse causar dor a qualquer um. Certa vez, quando ela estava conversando com alguns devotos, a conversa se voltou ao incidente em Telo-belo. Isso tinha acontecido muitos anos atrás. Sri Sarada Devi era então uma jovem garota de 15-16 anos.

Telo-belo era um pedaço de terra grande e amedrontadora. Todos que iam de Jayrambati para Calcutá tinham que atravessar essa terra abandonada por Deus. Ali era o lar de criminosos perigosos. Havia uma imagem aterrorizante da Deusa Kali que ficava naquela planície. Aquela terrível Deusa era a deidade patrona dos criminosos! A imagem existe até hoje, nos lembrando daqueles dias terríveis. Aquela terra se estendia por dez milhas [16 quilômetros] e era tão vazia e perigosa que até mesmo durante o dia ninguém ousava se aventurar sozinho por ali.

Shivaram e Lakshmi certa vez acompanharam Sri Sarada Devi de Jayrambati até Dakshineswar. Eles eram sobrinhos de Sri Ramakrishna. Eles estavam em um grupo maior. Enquanto atravessavam Telo-belo, Sri Sarada Devi ficou para trás do grupo, dominada pela exaustão. Ela não conseguia caminhar tão rápido quanto seus companheiros, então se separou do grupo e teve que enfrentar uma situação muito arriscada. Já passava da hora do crepúsculo e a escuridão se aproximava rapidamente. Sri Sarada Devi arrastava os pés vagarosamente. Um ladrão de pele escura e assustador aproximou-se dela de repente. Foi um momento estarrecedor! A maneira como ela saiu de tal situação é absolutamente fascinante! Sua biografia contém todos esses detalhes incríveis.

Os devotos adoravam ouvir os detalhes diretamente da Santa Mãe. Quando o incidente em Telo-belo aconteceu, ela estava sozinha ou com Shivaram e Lakshmi? Esta pergunta surgiu, já que,

como os dois poderiam ter deixado a tia em tal lugar amedrontador sozinha? Os devotos queriam esclarecer este ponto diretamente com a Santa Mãe. A resposta de Sri Sarada Devi é uma lição sobre ter tato. Ela disse: “Meu Senhor! Que confusão vocês fazem com relação ao incidente com o ladrão! Não quero elaborar sobre este assunto. Veja, Shivu e Lakkhi estavam de fato comigo quando começamos a viagem, mas passaram à frente quando chegamos naquele ponto. Agora, se eu começar a elaborar os detalhes, soará muito mal, colocando os dois em maus lençóis e causando dor a eles, caso eles saibam disso. Este é o motivo pelo qual não quero falar sobre isso. Não abordem este assunto”.

Que resposta maravilhosa! “*Na bhruyat satyamapriyam*”, ou “não falem uma verdade impalatável”. Este acontecimento não é um exemplo claro deste ensinamento das escrituras? Quão exemplar era a preocupação da Santa Mãe de que nossas palavras não machuquem outras pessoas! Se a mente não é disciplinada, se o coração não é sensível, poderia alguém ser não precavido com a dignidade dos outros? Maior do que o “dom do alimento”, ou o “dom de servir fisicamente” é o “dom de respeitar a dignidade dos outros”!

É mais do que suficiente estudar a fundo os acontecimentos na vida de Sri Sarada Devi que demonstram sua graça maravilhosa, empatia e sensibilidade. Gradualmente veremos que nossas próprias calosidades, nossa grosseria e nossa falta de coração terão se dissolvido, e que nossa própria personalidade será imbuída de graça, empatia e sensibilidade.

Não seria exagero dizer que tais qualidades - graça, empatia, sensibilidade, tato - atingiram seu clímax com a vida da Santa Mãe. Por vezes, as circunstâncias pediam que ela fosse severa e até mesmo dura. Mesmo em tais circunstâncias, havia uma gentileza de outro mundo em suas palavras e ações. Vamos ver um outro acontecimento, onde ela teve que usar de medidas drásticas para

sair de uma situação terrível, porém, por baixo da severidade estava uma gentileza incomum, como veremos a seguir. A situação foi protagonizada pelo pai de Surabala.

Surabala era a esposa do irmão mais novo da Santa Mãe. Ela era mentalmente perturbada. Uma vez, quando foi à casa do pai, ela levou sua caixa de joias. Infelizmente, seu próprio pai tirou a caixa dela! Consequentemente, isto agravou sua loucura. Ela começou a urrar por sua caixa de joias. Sri Sarada Devi tentou várias maneiras de acalmá-la. De repente, a mulher mudou o tom de voz e começou a culpar a Santa Mãe por sua caixa de joias extraviada! A Santa Mãe estava agora com um grande problema. Ela enviou um devoto à casa do pai de Surabala com a instrução de que ele deveria devolver a caixa ou, no mínimo, deveria ir até lá. O pai de Surabala não foi até lá com as joias. Em vez disso, ele chegou lá de mãos vazias! A Santa Mãe implorou a ele: “Devolva as joias para ela, me poupe desse transtorno e vergonha, por favor!”. O velho estava irredutível e disse: “Não, as joias não podem ser devolvidas a ela”. Sem outra alternativa, ela escreveu uma carta detalhada para Swami Saradananda. Imediatamente, Swami Saradananda enviou o Mestre Mahashay e Lalitmohan Chatterjee para Jayrambati. Lalitmohan estava nervoso porque o homem tinha criado tal problema e vergonha para a Santa Mãe. Ele decidiu que o homem deveria levar uma boa lição. Assim, ele chegou a Jayrambati com tudo preparado para aquilo. Ele foi até a casa do pai de Surabala em um palanquim, vestido como um policial do Governo Britânico, com chapéu, terno e botas, com outros policiais o acompanhando. Sem dúvidas ele tinha a permissão da Santa Mãe para ir lá. Mas o coração da Santa Mãe estava palpitando porque ela sabia que Lalitmohan levava muito a sério tais situações. Ele tinha uma tendência de ser muito duro, sério e severo. Assim, para que as coisas não saíssem do controle, ela tinha enviado junto o doce e calmo Mestre Mahashay para acompanhar Lalitmohan. Apesar de tanta preocupação, ela estava

apreensiva que Lalitmohan insultasse o velho brâmane com seu alto entusiasmo. Tal possibilidade martelava forte em sua mente.

O pai de Surabala desmaiou ao ver aquele “policial inglês” com todos os outros policiais e os aparatos policiais típicos. Toda sua arrogância e teimosia o deixaram. Sem uma palavra sequer, ele foi a Jayrambati, entregou a caixa de joias e voltou para casa. Alguns acharam que aquilo era uma pegadinha, outros gostaram que o problema tivesse sido resolvido sem grande alvoroço. Todos jantaram e foram dormir, porém, por volta das duas horas da manhã, aqueles que estavam dormindo nos outros cômodos perceberam que a Santa Mãe não conseguia dormir. Ela estava sofrendo com um grande desconforto físico. Sua cabeça virava de um lado para o outro, ela estava zozza e indisposta. Todos levantaram e ficaram muito preocupados com o porquê disto estar acontecendo com ela. Ela mesma depois explicou: “Assim que Lalitmohan saiu para buscar a caixa de joias, fiquei muito ansiosa. Fiquei temerosa que o velho brâmane fosse insultado. Como eu estava tensa e ansiosa o dia todo, fiquei com uma acidez e perturbação, foi isso. Tudo ficará bem”.

Que coisa maravilhosa! Um brâmane, sendo já idoso, não deveria ser insultado! Este sentimento da Santa Mãe reflete sua personalidade elevada e revela sua alta cultura. É claro que ele havia errado. Embora fosse um brâmane, ele demonstrou ganância, é verdade. Não havia nada errado em demonstrar um poder oficial e ameaçá-lo com as consequências reais para conseguir as joias de volta. Mas não seria correto insultá-lo. Observe a sensibilidade extrema da Santa Mãe. Ela chamou o velho a sua casa, explicou o seu dilema a ele e implorou para que ele a ajudasse, porém o ganancioso homem não cedeu. Ela poderia ter ficado brava, usado palavras ásperas com ele, feito uma grande cena e obrigado ele a devolver as joias da filha, mas isso teria sido muito humilhante para o velho brâmane, e ainda mais para ela mesma, já que de acordo com as normas sociais, um

homem ser castigado por uma mulher de alta cultura e nascimento nobre era o mesmo que a sentença de morte. Assim, quando as negociações falharam e ela foi obrigada a usar força, ela ainda assim se preocupava que o homem não fosse insultado.

Este tipo de comportamento é a marca do Sanatana Dharma. Sri Sarada Devi demonstrou este tipo de comportamento ideal em cada passo de sua vida. Quando absorvemos a doce fragrância da graça e da gentileza que vêm da divina personalidade dela, também podemos desenvolver tais qualidades em nossa personalidade. Nossa personalidade é transformada!

Sri Sarada Devi e a Gratidão

Gratidão! Esta é a pedra angular da cultura, o sinal mais claro de maturidade em uma pessoa. A palavra em sânscrito para esta virtude é muito interessante: “*kritajna*”. Como é geralmente o caso em sânscrito, esta palavra é formada por duas palavras: “*krita*”, que significa “aquilo que foi feito” e “*jna*” que significa “saber ou lembrar-se”. Assim, saber e lembrar de todos os atos de ajuda e assistência que os outros fizeram para nós é “*kritajna*”, ou gratidão. A gratidão é inerente ao homem, mas quando a vemos na personalidade de pessoas santas, em homens e mulheres de Deus, o charme de tal virtude é incrível!

Sri Sarada Devi demonstrou esta virtude de maneiras diferentes em sua vida. Sempre que alguém a presenteava com algo, não importava o quão trivial, ela valorizava aquilo imensamente. Ela elogiava quem a tinha presenteado incansavelmente. Porém, precisamos notar que ela elogiava a pessoa não porque ele ou ela reconhecia a grandiosidade da Santa Mãe, ela os elogiava porque reconhecia que havia a capacidade de dar em tais pessoas.

Uma vez, a esposa de seu irmão Prasanna, Suvasini, preparou um tipo de pó para os dentes. Como ela sabia que a Santa Mãe gostava daquele tipo de pó, enviou um pouco através de seu marido para a Santa Mãe, que estava em Calcutá. Ela ficou tão satisfeita com aquele gesto que, após muitos dias, quando retornou a Jayrambati, ela disse a Suvasini: “Aquele pó para os dentes que você me mandou, todos gostaram muito!”. Que interessante que ela expressasse seu apreço pelo pó dizendo que todos em sua casa de Calcutá haviam gostado! Além disso, note que ela se lembrou do presente de Suvasini após um longo tempo e fez questão de agradecê-la quando retornou.

Quando a gratidão é sentida, não há barreiras de casta ou religião, status ou prestígio. No entanto, o que vemos no mundo é geralmente diferente. Coisas ou serviços prestados por aqueles que são inferiores a nós em posição social não são lembrados. Em vez disso, sentimos que é devido a nossa superioridade que eles fazem algo por nós. Há também aqueles que são orgulhosos e arrogantes, que talvez sintam que ajudá-los é um favor que fazem àqueles que prestam serviço ou presenteiam. Porém, os grandiosos se comportam diferente. A maneira como eles expressam gratidão é genuína e repleta de humildade.

Certa vez, uma devota de casta baixa rezou à Santa Mãe: “Mãe, eu gostaria de preparar um prato de seu gosto e te alimentar com ele”. Bom, a sempre graciosa Mãe deu seu consentimento. Um dia, ela preparou três ou quatro tipos diferentes de pratos, embrulhou-os em pequenos sacos de papel e levou à casa da Santa Mãe. Ao ver os pratos, Sri Sarada Devi ficou tão surpresa quanto extremamente satisfeita, e disse: “Veja, quantas coisas ela preparou para nós! Pobrezinha! Ela deve ter tido muito trabalho para fazer tudo isso”. Toda aquela comida foi servida durante o jantar. A Santa Mãe comeu cada um deles e adorou o sabor. Você pode imaginar a alegria daquela devota! O coração da jovem ansiava por oferecer os frutos de seu próprio trabalho à Mãe

Divina, e a Santa Mãe estava ávida pelo desejo de expressar seu apreço e gratidão devido aos esforços da devota! Não importava que a jovem pertencesse a uma casta baixa. Sua oferenda devotada era do mesmo valor para a Santa Mãe. Precisamos ter em mente que, naquele tempo, as restrições de casta eram muito rígidas na sociedade. Mesmo assim, a Santa Mãe sem hesitar elogiou a oferenda de comida perante todos! Descartando as restrições sociais míopes e retrógradas, veja como a Santa Mãe sustentou a virtude humana da gratidão neste acontecimento.

Tudo que era dado por seus devotos e discípulos com amor, a Santa Mãe preservava com imenso cuidado. A respeito disso, uma vez ela comentou: “Não é possível avaliar estes presentes dados com amor. A lembrança daqueles que me deram tais presentes é o valor real deles”.

Às vezes, os devotos faziam crochês ou bordados em esteiras e xales, e os ofereciam à Santa Mãe. Algumas pinturas e quadros também foram dados à ela. Já que ela mesma tinha tais habilidades, ela os apreciava imensamente. Não era um “obrigada” superficial que aqueles devotos obtinham da Santa Mãe por tais presentes de amor, ela apreciava as habilidades e esforços que vinham com aqueles presentes e os elogiava calorosamente por tais feitos. Além disso, ela os exibia e aplaudia as habilidades diante dos outros, o que multiplicava a alegria daqueles que a tinham presenteado. O elogio autêntico e o apreço genuíno que a Santa Mãe demonstrava por aquelas pessoas eram únicos, e a maneira como ela fazia aquilo vale nossa consideração especial.

Uma vez que a gratidão é uma virtude cardinal por um lado, e é, portanto, digna de ser inculcada por seu próprio valor, por outro lado, ela tem um enorme valor nas interações práticas do dia-a-dia. Ela tem o poder de infundir confiança entre indivíduos e pode ser a fonte de alegria pura e autêntica, lubrificando as rodas das interações humanas. Há aqueles que não têm a habilidade de

expressar gratidão e aqueles que são incapazes de reconhecer e apreciar a ajuda oferecida pelos outros. Se você observar de perto, perceberá que as palavras e ações de tais pessoas se assemelham às daquelas de um típico “sapo no poço”. A vida e personalidade de tais pessoas são extremamente mesquinhas e infelizes e, mais importante, as pessoas cultas e refinadas da sociedade não gostam de manter relações com pessoas de mentalidade assim. Se as pessoas não têm a sensibilidade mental e de coração para reconhecer a ajuda que tenha sido oferecida a elas, quem irá querer lidar com tais pessoas grosseiras? Nos *Vedas*, há uma prece que os Rishis ofereciam ao Senhor: “*Punardadataghñata janata sanghame mahi*”, ou seja “Ó Senhor, que possamos nos relacionar com estes tipos de pessoas: aqueles que compreendem a ajuda que damos a eles, aqueles que nos ajudam de volta e aqueles que não são vis”.

É bom que um homem possa cultivar sinceramente esta virtude da gratidão dentro de si mesmo. Por que? Em geral, o homem é programado psicologicamente para lembrar-se apenas do mal e das dores que os outros fizeram para ele. Consequentemente, se alguém tem que reconhecer e relembrar a bondade que os outros fizeram, ele precisará de maturidade do coração. Não está longe da verdade dizer que as diferenças de opinião e incompatibilidade entre as pessoas são obstáculos importantes no cultivo da gratidão. Uma harmonia incrível é estabelecida na sociedade quando as pessoas conseguem treinar a si mesmas para serem genuinamente gratas pelas coisas boas que fazem umas para as outras.

A gratidão era tão natural na Santa Mãe que era visível em suas interações diárias com aqueles que estavam com ela. Porém, não havia qualquer pretensão ou insinceridade na gratidão que ela exibia constantemente em suas palavras e ações. A gratidão era a fragrância natural de sua personalidade altamente culta! Vamos elaborar sobre isso com um exemplo.

Sri Sarada Devi vivia no templo de Dakshineswar nessa época. Ela estava totalmente envolvida no serviço de seu marido e em suas práticas espirituais. O leiteiro dava o leite que sobrava da cozinha do templo para Sri Sarada Devi sem custos, para o uso de Sri Ramakrishna. Ele dizia: “Se eu der leite em excesso para o templo, os sacerdotes o darão para sabe-se lá Deus quem. Porém, se eu o entregar aqui, será usado por Sri Ramakrishna”. De fato, ele era um leiteiro abençoado! Por que dizemos isso? Mesmo que fosse pouco o presente que ele ofertava, ele tinha precaução para que o leite não fosse destinado a pessoas impróprias, mas que fosse para a pessoa certa. Além disso, ele tinha convicção que, se o leite fosse dado para o uso de Sri Ramakrishna, era melhor que fosse dado como uma doação, como um presente, e não apenas vendido como uma comodidade. Tal mentalidade demonstra que ele era mesmo um leiteiro abençoado! De qualquer maneira, mesmo que ele desse o leite gratuitamente, Sri Sarada Devi nunca o deixava ir embora sem lhe dar alguns doces ou frutas em troca.

Isso tudo pode parecer coisas triviais de uma vida cotidiana monótona, mas não devemos negligenciar as virtudes humanas - a virtude da gratidão - que a Santa Mãe manifestou através dessas interações aparentemente triviais. Podemos não encontrar nada espetacular em agradecer a uma cunhada por pó para dente, ou ao dar doces e frutas para o leiteiro em troca de ser presenteado com leite. No entanto, devemos curvar nossas cabeças à intensidade do sentimento por trás de tais ações aparentemente triviais da Santa Mãe.

Era uma época em que a Santa Mãe estava em Jayrambati. Os devotos ainda não tinham começado a se reunir em volta dela. Ela tinha apenas um assistente naquele tempo. Ele trabalhava arduamente para servir a Santa Mãe, a quem ele via como o equivalente a seu Guru. Mais tarde, devido a diversas circunstâncias, ele teve que ir morar em lugares diferentes. Talvez

devido à influência de outras pessoas por perto, o comportamento e a mentalidade dele mudaram totalmente. Alguns devotos reclamaram dele para a Santa Mãe, dizendo: “Ele brigou com uns monges em Hrishikesh. O caráter dele não é bom”. Depois, perguntaram à Mãe: “Depois de te servir por tanto tempo, como ele pode ter ficado assim degenerado?”. Devia haver um traço de verdade naquilo que os devotos reportavam. No entanto, a Santa Mãe não ficou agitada com aquelas palavras afiadas vindas dos devotos. Com calma, ela disse aquilo que tinha a dizer e deu adeus a eles. Após todos saírem, ela explicou ao brahmachari Varada: “Meu filho, não posso ver nem ouvir sobre os defeitos de ninguém. Cada um deve experimentar os frutos de suas ações feitas nesta vida ou em anteriores. Porém, pela graça de Deus, a intensidade de tais experiências, especialmente as ruins, pode reduzir. Por exemplo, se um grande sofrimento estava para acontecer, pode-se escapar apenas com o ferimento de um espinho. Veja, todos estão reclamando para mim sobre aquela pessoa agora. Ele de fato me serviu imensamente um tempo atrás. Onde estavam todas essas pessoas? Quantas perturbações tive que passar na casa de meus irmãos naquela época! Todas as minhas cunhadas eram crianças. Ele era o único que me ajudava. Ignorando seu próprio conforto, houvesse chuva ou sol, ele trabalhava duro para mim. Seu corpo ficava todo preto por causa da fuligem, mas ele não se importava. Agora há muitos devotos aqui, mas durante aqueles dias, quem estava comigo? Posso esquecer o que ele fez por mim naquela época? Veja, se você ajuda uma pessoa de mil maneiras, mas comete apenas um erro, aquela pessoa se recusará a olhar para você. As pessoas veem os erros dos outros facilmente, mas quem pode reconhecer as virtudes? Reconheça as virtudes nos outros”.

Que palavras de enaltecimento! Mesmo quando alguns devotos falaram a verdade sobre a degeneração de um discípulo, a Santa Mãe não se comportou como um humano comum - demonstrando repulsa ou raiva por ele. Ela carinhosamente

lembrou da ajuda que ele havia dado a ela muito tempo atrás, e ela tinha apenas seu amor, bênçãos e afeição por ele. Que divino!

No *Vishnu Sahasranama* [Os Mil Nomes de Vishnu], o Senhor foi chamado de “*Kritajna-kritiratmavan*” [aquele que cultiva a gratidão e a atenção plena]. Uma pessoa pode lembrar ou não de um serviço prestado a si, mas Deus certamente lembra. É por isso que Deus é chamado de “*kritajna*” [grato]. Na verdade, é justamente porque Deus está cheio dessa maravilhosa qualidade que o homem é capaz de elevar-se à divindade. Há limites para os erros que uma pessoa comete em seu pensamento, palavra ou ação? Mas este mesmo ser humano desajeitado, uma vez ainda que raramente, faz algo bom, seja impelido pelo mérito de suas ações passadas, seja pela influência de um homem santo em sua personalidade. Deus, que é o espírito interno, reconhece as coisas boas, mesmo que sejam inadvertidas, e concede os frutos de tais boas ações. É por isso que, embora suas tendências debilitantes os puxe para baixo, ele é capaz de se erguer à glória espiritual. É por isso que quando uma pessoa é capaz de inculcar esta virtude em si mesma, ela se atrela a Deus e se torna merecedora de Sua graça.

A Santa Mãe revelou muitos aspectos sutis de gratidão em sua vida. É um conhecimento comum que devemos ser gratos às pessoas que nos ajudam, no entanto, a gratidão não para por aí. A Santa Mãe nos ensina que devemos ser respeitosos até mesmo com objetos inanimados que nos ajudam na vida.

Certa vez, a empregada que varria o quintal jogou a vassoura de canto após terminar o serviço. A Santa Mãe disse para ela: “O que é isso? Você jogou a vassoura após fazer seu serviço! Leva exatamente o mesmo tempo para guardá-la corretamente do que apenas jogá-la. Não importa o quanto algo seja trivial, nunca deve-se negligenciar nada. Se você demonstra respeito a algo, aquele algo também te respeitará de volta. Você não vai precisar

da vassoura de novo? Mais importante ainda, aquele objeto também é parte desta casa. Deste ponto de vista, aquela vassoura tem um lugar de orgulho nesta casa. Você deve olhar até mesmo uma vassoura com respeito, com uma noção de sagrado”.

Deus na Terra! Sri Sarada Devi está nos ensinando como tratar uma vassoura! Que maravilhoso é seu ponto de vista sobre qualquer coisa que seja útil para nós na vida deva ser considerada com respeito e com um senso de sacralidade. Porém, hoje em dia, infelizmente, não apenas a vassoura não é tratada com respeito. Neste contexto geral de depreciação de valores em nossa sociedade moderna, essas palavras da Santa Mãe são muito importantes.

Há também a questão da fé e da gratidão a deuses e deusas, e os rituais a respeito deles. Vamos ver o que Sri Sarada Devi tem a dizer sobre este assunto.

Uma vez, quando estava em Calcutá, ela pegou catapora. O sacerdote do templo de Mãe Sitala foi chamado para tratar dela. O sacerdote tinha também um pouco de conhecimento médico. Todos os dias, ele ia até a Santa Mãe e dava para ela prasada e flores da Mãe Sitala. A Santa Mãe aceitava os itens com devoção completa, como diz a tradição. Rapidamente, ela se recuperou da catapora. Depois disso, um dia, ela chamou seu discípulo Swami Shantananda e disse: “Veja, meu corpo está muito fraco, não posso fazer jejum agora. Assim, em meu nome, quero que você jeje o dia todo, vá ao templo de Mãe Sitala e ofereça um Puja a ela”. O Swami fez da maneira como ela pediu. O que temos que observar é o seguinte: Sri Sarada Devi não tinha pensado em oferecer um Puja à Mãe Sitala, e o sacerdote tinha recebido as reverências e oferendas respectivas a ele. Porém, ela pediu que um Puja fosse oferecido à Mãe Sitala com os procedimentos sendo seguidos à risca. Ela tinha se recuperado pela graça da Mãe Sitala e queria oferecer o Puja como maneira de demonstrar sua gratidão à deusa.

Perceba a maneira sutil com que a Santa Mãe está compartilhando cultura conosco através deste acontecimento. Dialética e argumentos não funcionam de acordo com a cultura, rituais e tradições. Eles não podem ser medidos de acordo com os cálculos que governam a vida social. Estes são problemas relacionados à pureza de coração e à sensibilidade de nossos sentimentos. Se alguém desenvolve fé em tais coisas, se beneficiará com esses rituais e evoluirá espiritualmente, com certeza!

Quando pessoas santas demonstram gratidão, isso é algo extraordinário. Quando ajudamos os outros, eles devolvem esta ajuda ou demonstram gratidão sincera, e este toque humano nos deixa felizes. Por vezes, podemos nos beneficiar social ou financeiramente com tal reciprocidade. Isso é, de longe, o mais alto limite de gratidão a respeito de pessoas comuns. Porém, a gratidão que homens de Deus demonstram pelo mínimo serviço que prestamos a eles nos elevará às alturas espirituais e fará nossas vidas plenas. O incidente em que Sri Sarada Devi abençoa os devotos de Koalpara nos vem à mente com relação a isso.

Era 1911. O Jagaddhatri Puja⁸ estava sendo celebrado na casa da Santa Mãe em Jayrambati. Koalpara era um vilarejo vizinho. Durante o Puja, alguns devotos de Koalpara doaram cestas de legumes. A Santa Mãe ficou tão feliz com aquele presente que disse: “Não temos legumes e verduras frescos nessa época do ano por aqui, e por isso, temos alguns problemas. Eu sinto que o próprio Deus está conseguindo tudo que Ele precisa para este Puja através de vocês”. Ao ouvir tais palavras, todo o esforço físico que aqueles devotos tiveram para levar aquelas cestas enormes tinha simplesmente desaparecido! O Jagaddhatri Puja foi celebrado com grande pompa. Os devotos de Koalpara

⁸ Na região leste da Índia, dez dias após o Diwali [festival das luzes], é feito o Jagaddhatri Puja. Este Puja é uma forma de Durga Puja e tem sua origem em 1700, quando o governante de Chandan Nagar, em Calcutá, foi preso por alguns meses pelos Nawab de Oudh, e assim não pôde participar do Durham Puja. Quando ele foi solto, a época do Durga Puja tinha passado. Ele então instituiu o Jagaddhatri Puja como uma alternativa ao Durga Puja. Este é o motivo pelo qual as pessoas que fazem o Durga Puja não fazem o Jagaddhatri Puja.

participaram de todas as atividades conectadas com o Puja. Dali em diante, sempre que Sri Sarada Devi estava em Jayrambati, aqueles devotos enviavam verduras e legumes frescos de duas a três vezes por semana. Porém, eles não eram tão abastados para enviar um servente que levasse os produtos, assim, um ou dois deles, depois de terminarem o trabalho do dia, iam comprar os legumes na feira ou diretamente nas fazendas, colocavam as cestas nos ombros e as levavam para Jayrambati. Algumas vezes, iam a mercados em locais distantes para comprar os produtos pedidos pelas pessoas na casa da Santa Mãe. A própria Santa Mãe tinha treinado aqueles devotos a estocar os itens apropriadamente. Com o decorrer do tempo, aqueles mesmos devotos se tornaram os estocadores oficiais da casa da Santa Mãe. Ela ficava nas nuvens de alegria ao ver a devoção e dedicação deles. Era como se eles fossem membros virtuais de sua casa! Toda a inspiração, encorajamento e guiança que precisavam para crescer na vida, eles conseguiram com a Santa Mãe. Sempre que terminavam o trabalho em Jayrambati e voltavam para Koalpara, eles tocavam os pés da Santa Mãe e buscavam pelas bênçãos dela. Ela carinhosamente os abençoava dizendo: “Que vocês atinjam *jnana*, que vocês atinjam *bhakti*”.

O que aqueles devotos ofereciam não era nada mais do que trabalho braçal. Em troca, a Santa Mãe os abençoou com tesouros espirituais! Isso lembra as palavras de Sri Ramakrishna: “Quando a Mãe Divina abençoa, Ela não concede porcarias ou bugigangas. Ela concede tesouros espirituais!”.

Sri Sarada Devi e a Humildade

Estudar a vida da Santa Mãe é uma das melhores janelas de estudo sobre a progressiva manifestação das virtudes nos seres humanos. Podemos ver um projeto de como essa evolução ocorre em uma pessoa. É possível visualizar a personalidade da Santa Mãe como um monastério autêntico, meticulosamente construído a

partir das austeridades envolvidas em manifestar todas as virtudes divinas, uma por uma. Novamente, é naturalmente possível olhar para a personalidade dela como um jardim real repleto de flores exóticas e cheias de qualidades divinas. Modéstia, honestidade, simplicidade, gratidão, naturalidade, generosidade, paciência, autocontrole, empatia e compaixão, graça, firmeza e retidão, dignidade, coragem, pureza e muitas outras qualidades divinas tinham se manifestado em sua personalidade completamente. De todas as flores exóticas no jardim de sua personalidade imaculada, a humildade era uma flor valorizada. Até mesmo a pessoa mais arrogante e orgulhosa se torna humilde por algum tempo, no mínimo, se estudar sobre a humildade sem precedentes da Mãe.

O que é exatamente a humildade? É obediência? O entendimento comum é de que a humildade e a obediência se referem a demonstrar respeito aos mais velhos e seus apontamentos, mas Swami Vivekananda declara que se tivermos a mesma humildade com aqueles que são inferiores ou mais novos que nós, do mesmo modo que temos com os mais velhos, isso é a verdadeira humildade. Quando mergulhamos fundo nos motivos para a ação humana, percebemos a relevância desta nova definição de humildade que foi dada por Swami Vivekananda. Observe a crescente e desnecessária opressão que pessoas em posição de poder e autoridade sujeitam pessoas desamparadas e perceberá como são precisas essas palavras do Swami. Mas isso é uma discussão acadêmica a respeito da humildade, sobre a semântica da humildade. A humildade demonstrada na vida de Sri Sarada Devi, através de suas ações, torna as discussões acadêmicas sobre este tópico totalmente insípidas. Se devemos desfrutar desta beleza, temos que estudar os eventos da vida dela em detalhe.

Era o ano de 1918 e, então, muitos devotos já tinham se alertado da grandiosidade de Sri Sarada Devi. Vivekananda e outros discípulos monásticos de Sri Ramakrishna já tinham falado

abertamente sobre a divindade dela. Pessoas santas como Nag Mahasay, Gopaler Maa e outros tinham amplamente apresentado a Santa Mãe como a Mãe Divina encarnada para as pessoas. Assim, durante sua vida, Sri Sarada Devi tinha sido adorada como a Mãe do Universo. Ainda assim, tais fatos não tinham trazido nenhuma mudança em sua conduta ou personalidade. Seus discípulos e devotos ficavam maravilhados observando a naturalidade, que era uma característica da Santa Mãe, por meio da qual ela era capaz de digerir esta inimaginável adulação. Um acontecimento durante o Jagaddhatri Puja daquele ano revela sua humildade de maneira sem precedentes.

O Jagaddhatri Puja era uma ocasião especial na casa da Santa Mãe. O Puja tinha sido terminado com pompa, como manda a tradição. Um brâmane chamado Haldipukur era o sacerdote oficial. O Guru de família da Santa Mãe⁹ era também o Tantradharak¹⁰. Assim que o Puja terminou, Sri Sarada Devi ofereceu suas reverências a seu Guru de família tocando em seus pés. Ela então foi tocar os pés do sacerdote, mas ele se recusou a aceitar as reverências dela. Ele disse: “Mãe! Como pode você tocar em meus pés? Tudo que podemos fazer é *orar* pelas *suas* bênçãos”.

O Guru de família “acordou” assim que ouviu tais palavras do sacerdote. Parece que ocorreu a ele que teria sido melhor se ele não tivesse aceito as reverências da Santa Mãe. Porém, teria seu

⁹ Na Bengala ocidental existe a tradição do Guru de família. Um brâmane em específico é designado ao cargo de algumas famílias. Essas famílias pertencem apenas às castas brâmane, kshatriya e vaishya. É de responsabilidade dele garantir que tais famílias sob seu comando sigam as tradições e costumes do hinduismo. Ele tem que fazer todos os samskaras [rituais] para todos os membros daquelas famílias. Devemos entender que embora a palavra Guru seja usada neste caso, ela não se refere à nenhuma responsabilidade espiritual da parte do brâmane. Seu alcance está confinado a garantir que as famílias sigam as tradições hindus. O Guru de família é uma posição hereditária na sociedade hindu, o que significa que quando um Guru de família morre, seu filho assume os deveres para com aquelas famílias que seu pai se encarregava.

¹⁰ Quando um grande Puja, como o Durga Puja, Kali Puja ou Jagaddhatri Puja é feito, há uma organização própria a ser seguida. O Puja é feito por um sacerdote brâmane chamado de Pujari. Dado que os itens utilizados são muitos, e que há um número grande de rituais a serem executados, com os mantras apropriados a serem recitados a cada passo, o Pujari tem uma pessoa para ajudar, que conduzirá e o guiará em cada passo. Esta pessoa é chamada de Tantradharak.

prestígio como “Guru de família” sido afetado caso recorresse em sua gafe? Assim, em vez de se sentir culpado por sua transgressão, ele começou a recitar um verso em sânscrito que elogiava a glória do Guru: “*Akhandamandalakaram vyaptam yena characharam, tatpadam darshitam yena, tasmai sri Gurave namaha*”. [N. do T.: este verso está no texto *Guru Stotram*, cuja tradução é: “Minhas saudações ao Guru que me revelou essa Verdade, que é a divindade não fragmentada, infinita e atemporal, e que permeia todo o universo, móvel ou imóvel”.]

“Não importa o quanto Sri Sarada Devi seja grandiosa, eu não sou seu Guru de família? Então, o que há de errado em eu aceitar suas reverências?”. Este era o sentimento dele. Porém, Sri Sarada Devi nunca sentiu que seu Guru de família recusaria aceitar suas reverências. Além disso, ela era realmente grata a ele por ter aceitado a responsabilidade de ser o Tantradhara e garantir o sucesso do Puja. Assim, quando ela tocou seus pés, havia uma gratidão genuína em seu coração. Mas quando ele entendeu aquele verso em sânscrito, ela entendeu a situação. Imediatamente ela disse: “É verdade, realmente é verdade”, e apoiou o ponto de vista de seu Guru de família. Assim, ela impediu que ele passasse qualquer vergonha.

Devemos compreender este acontecimento apropriadamente. “Eu sou literalmente adorada como a Mãe Divina encarnada por milhares de devotos, seria apropriado que eu tocassem os pés de um Guru de família comum?”, tal pensamento nem sequer passou pela mente de Sri Sarada Devi! Isso não revela sua humildade em cores luminosas? Perceba uma coisa ainda mais importante: ao dizer: “É verdade, realmente é verdade”, ela estava protegendo o prestígio de seu Guru de família e garantindo que ele não sentisse qualquer complicação. Devemos reconhecer que, através de tal ação, ela estava manifestando sua humildade de maneira completa.

Um dia, um velho homem chamado Ganesh Ghoshal veio de Kamarpukur para ver Sri Sarada Devi. Ele era amigo de infância de

Sri Ramakrishna. Ele e Sri Ramakrishna tinham, na verdade, sido amigos de escola. Ele tinha então uns vinte anos a mais que Sri Sarada Devi. Quando chegou, ela o recebeu carinhosamente e se curvou para tocar seus pés, como forma de respeito. Porém, Ganesh Ghoshal tinha grande devoção por Sri Sarada Devi e estava convencido de sua divindade. Assim, quando ela se aproximou para tocar seus pés, ele objetou e disse: “Mãe! Como pode isso? Se uma mãe toca nos pés do filho, é uma maldição para ele. Por favor, não faça isso comigo”.

Ao dizer isso, ele mesmo se prostrou de joelhos e tocou os pés dela. Por que a Santa Mãe tentou tocar nos pés do homem? E por que ele depois tocou os pés dela? Qual o significado destes dois acontecimentos?

Ghoshal era uma pessoa mais velha e amigo de infância do marido dela. Não é correto demonstrar nossos respeitos aos mais velhos? Este era o sentimento de Sri Sarada Devi, portanto, ela se curvou para tocar nos pés dele. Isto demonstra sua humildade genuína. No entanto, as ações do homem foram ainda mais significativas. Ele poderia muito bem dizer: “Sri Sarada Devi é uma mulher do vilarejo vizinho, ela é muito mais jovem que eu em idade. Eu a conheço desde que era criancinha, logo, é correto que ela toque meus pés como sinal de respeito por mim”. Se ele tivesse assim feito e aceito as reverências dela, as pessoas não contestariam de maneira alguma, já que esta era a tradição local. Mas ele contestou. Isto revela não apenas a humildade dele, mas mais importante, a profundidade de sua devoção pela Santa Mãe. Ele tinha visto a Mãe Divina manifestada nela e adorou aquela visão em Sri Sarada Devi. Por isso, ofereceu suas reverências à ela, em vez de aceitar as dela, como teria sido o correto de acordo com os costumes locais, e voltado para casa com o coração satisfeito.

Quando o lótus desabrocha, as abelhas vêm de longe e de todos os lados para desfrutar do néctar que tem dentro dele. No entanto, os sapos que ficam perto do lótus vivem alegremente ignorantes da fragrância divina, eles não se sentem atraídos pela flor e se satisfazem ao comer as moscas que ficam por perto. Inúmeros devotos vinham de longe e de todos os lados, atraídos pela divindade da Santa Mãe, a adoravam como a Mãe Divina em carne e osso, recebiam tesouros espirituais dela¹¹ e iam embora satisfeitos. Porém, aqueles que viviam próximos dela sempre a conheceram apenas como irmã, tia, cunhada, etc. Todos estavam profundamente emaranhados nas relações familiares. Por isso, nunca testemunharam a divindade que se manifestava em sua personalidade com tanta intensidade. No entanto, Sri Sarada Devi nunca tentava impressionar aquelas pessoas com a força de sua personalidade divina. Ao contrário, em tais interações, ela se portava como uma mulher extremamente comum, sem o menor traço de ego sobre sua elevada estatura espiritual. Estas interações eram exemplos ardentes de sua profunda humildade.

Uma vez, perguntaram para ela: “Muitas pessoas, de terras distantes, vêm aqui apenas para te ver! Mas nós somos incapazes de te reconhecer verdadeiramente. Por que?”.

Sri Sarada Devi respondeu: “Não importa que todos vocês sejam incapazes de me reconhecer. Vocês são todos meus. Eu sou de vocês. Isto é o bastante”.

Essas palavras eram um consolo, e isso é tudo.

Certa vez, Ambika Bagdi, o vigia de Jayrambati, perguntou para ela: “Mãe, as pessoas te chamam de Devi, Bhagawati, etc., mas nós não sentimos isso de maneira alguma”.

¹¹ Veja a referência no livro *Sri Sarada Devi - A Concessora de tesouros espirituais* para mais detalhes.

Sri Sarada Devi respondeu muito naturalmente, com a voz baixa: “Veja, vocês não precisam me tratar dessa maneira. Você é meu irmão mais velho, Ambika. Eu sou sua irmã mais nova, Sarada. Pense apenas nisso. Isto é mais do que suficiente”.

Esta é outra palavra de consolo, como no caso anterior que vimos. Temos que prestar muita atenção à maneira como a Santa Mãe respondeu nesses dois casos. Não podemos controlar a vontade de exibir a mínima grandeza que podemos possuir, mas a Santa Mãe demonstrou como viver uma vida normal embora ela fosse infinitamente grandiosa.

Outra evento parecido: Nalini, que era a filha do irmão de Sri Sarada Devi, uma vez perguntou: “Tia, as pessoas te tratam como a deusa interior, Bhagawati. Você é mesmo a deusa interior?”. Sri Sarada Devi não deu nenhuma resposta à pergunta, ela apenas sorriu afetuosamente para a sobrinha. Mas Nalini insistiu. Então, a Santa Mãe respondeu: “As pessoas falam essas coisas devido à devoção que elas têm. O que eu poderia ser, minha filha? Sri Ramakrishna é tudo. Todos vocês deveriam rezar para que Sri Ramakrishna não me permita ter consciência do corpo”.

Notando que Sri Sarada Devi estava diminuindo sua própria estatura espiritual e divergindo a atenção de sua natureza verdadeira, um devoto que estava por perto imediatamente apontou: “Inúmeras pessoas atestam que Sri Sarada Devi é a Mãe Divina encarnada, mas apenas Deus sabe quanta fé elas têm no que falam. Quando pessoas descrentes como nós falamos algo tão elevado, parece conversa fiada”.

“É verdade”, disse Sri Sarada Devi. O devoto então continuou: “A menos que a própria Sri Sarada Devi revele sua verdadeira natureza através de sua própria graça, é impossível para qualquer um compreender quem ela realmente é. Não há o mínimo traço de ego nela. Esta é a razão pela qual a divindade se manifesta nela.

Almas ordinárias estão cheias de ego. Milhares de pessoas chegam aqui dizendo: ‘Você é a Deusa Lakshmi, você é a Mãe Divina’ e rolam diante dos pés dela. Se ela fosse uma mulher comum, já estaria cheia de egoísmo. É possível que uma pessoa comum possa digerir tanta bajulação e adoração?”.

Sorrindo docemente, Sri Sarada Devi olhou para o devoto. Sem palavras, apenas silêncio.

Uma vez, Sri Sarada Devi estava em peregrinação a Puri. Govinda Singari era um Panda¹² lá. Ele era o Panda da família de Balaram Basu, um devoto proeminente de Sri Ramakrishna. Este Panda sabia que Sri Sarada Devi era a esposa do Guru de Balaram Basu. Ele sentia que, para o prestígio da família de Balaram Basu, a esposa do Guru de Balaram devia ser levada para dentro do templo de Jagannath, em Puri, em um palanquim. Ele falou com a Santa Mãe sobre o assunto. Ela não concordou, em vez disso, falou: “Não, Govinda. Você me guia pelo caminho, explicando sobre tudo que vemos. Eu irei atrás de você como uma mulher comum, o que, na verdade, eu sou”.

Ela adentrou o templo de Jagannath dessa maneira e voltou.

Precisamos pensar um pouco mais a fundo sobre este acontecimento. Sri Sarada Devi poderia ter concordado em ir de palanquim, dado que se assim ela fizesse, estaria dando uma oportunidade de Govinda Singari e dos membros da família de Balaram Basu a servirem. Mesmo que ela tivesse ido de palanquim, ninguém a teria criticado por isso. No entanto, Sri Sarada Devi não deu qualquer importância para tais argumentos. Ela decidiu que se alguém vai ao templo para ver o Senhor, é melhor que vá com humildade, com toda a simplicidade de um

¹² Em um local santo, há pessoas que guiam os devotos que visitam. Eles preparam tudo para a estadia dos devotos, a comida e para que eles se locomovam por lá. Eles também tomam conta das responsabilidades sacerdotais dos devotos. Essas pessoas são chamadas de Pandas. Elas estão presentes em todos os locais de grande peregrinação na Índia.

devoto. Assim, ela caminhou até o templo e voltou. Aí está uma lição para nós, em cada movimento, lá está uma encarnação de Deus.

O ponto de vista de Sri Sarada Devi era o de que, quando se faz um Puja ou pratica um voto religioso, deve-se ser amplamente humilde e render-se a Deus. Alguns leitores podem argumentar dizendo: “Precisa dizer o óbvio? Ninguém sabe que enquanto se executa atividades religiosas, deve-se ser humilde e executar esses rituais com o sentimento de autorredenção ao Senhor?”. Correto. Ninguém deve demonstrar arrogância relacionada às atividades religiosas. Mas Sri Sarada Devi explica o sentimento interno necessário que uma pessoa deve ter quando faz tais atividades.

Durante uma das festividades de Jagaddhatri Puja, inúmeros devotos se reuniram em Jayrambati para serem abençoados pela Santa Mãe. Cada um se dedicou entusiasticamente e os preparos para o Puja foram feitos de maneira grandiosa. Era a capacidade única de Sri Sarada Devi de que ela deveria se atentar a cada pequeno detalhe conectado ao Puja. Assim mesmo, no dia do Puja, ela foi até a divindade de Jagaddhatri várias vezes e rezou com toda humildade: “Mãe Jagaddhatri, assegure, por favor, que sua adoração seja feita sem qualquer lapso”.

Devemos dar uma atenção especial ao que aconteceu ali. A própria Sri Sarada Devi é a Mãe Divina. A adoração que estava sendo feita era para a mesma Mãe Divina. Há qualquer chance de lapsos naquela preparação única? Apesar disso, ela rezou repetidamente com as mãos postas diante da divindade da Mãe para que o Puja procedesse sem qualquer perturbação. Ela estava explicando para todos nós que quando executamos Pujas ou atividades religiosas semelhantes, devemos fazer com grande fé e devoção, dependendo apenas do poder divino do Senhor. A Santa

Mãe revelava assim um grande segredo, de que o trabalho da Mãe deve ser feito apenas pelo poder divino da Mãe e pela graça.

Uma vez, dois devotos chegaram em Udbodhan. Antes de servi-los com comida oferecida a Sri Ramakrishna, a Santa Mãe tocou a comida com os lábios, assim a consagrando. Ela fez assim talvez pelo desejo sincero que aqueles dois devotos tinham de obter a prasada de Sri Sarada Devi. A alegria deles era ilimitada. Eles partilharam daquela comida consagrada com grande deleite. Havia um outro devoto que estava por perto e assistia a tudo isso. Sentindo que ele não deveria ficar de fora, a Santa Mãe deu para ele um pouco de comida consagrada como sua prasada. Porém, este devoto ficou enlouquecido. Ele disse: “Mãe, além da prasada de Sri Ramakrishna, não posso comer a prasada de mais ninguém”.

Podemos pensar que ele não deveria ter sido tão direto, mas ele queria resguardar sua devoção única com certo ciúmes. Colocando tudo isso de lado, como vocês acham que a Santa Mãe reagiu a essa objeção tão estranha? Esta não é uma situação que agravaria a raiva de uma pessoa autoimportante? É claro que este é um exemplo de tal situação. Mas Sri Sarada Devi respondeu de maneira simples e apenas disse: “É assim? Então você não precisa comer”.

Poucos momentos depois, algo aconteceu no coração daquele devoto. Sri Ramakrishna e Sri Sarada Devi não são diferentes. Eles são idênticos. Esta verdade espiritual passou pela mente dele. Com grande sentimento, ele disse: “Mãe! Agora compreendi. Você é uma com Sri Ramakrishna”.

Sri Sarada Devi então disse, com a mesma naturalidade de antes: “Então é assim? Então você agora pode comer a prasada”. O devoto comeu o alimento consagrado com grande devoção e voltou para casa.

Quando meditamos neste supremo evento estranho, percebemos como era natural a humildade de Sri Sarada Devi. Ela foi a Guru de mantra-diksha [o mestre que inicia o discípulo com o mantra da divindade escolhida] para inúmeros devotos. Ela transmitiu votos monásticos para muitos aspirantes espirituais. Gigantes espirituais como Swami Vivekananda, Swami Brahmananda e outros, literalmente a adoraram como a Mãe Divina encarnada! Assim era Sri Sarada Devi, e a partir de sua infinita graça, ela deu alimento consagrado àquele devoto em suas próprias mãos. E o que aquele pobre homem fez? Ele recusou comer a prasada! Depois, após algum tempo, quando ele percebeu e quis comer a prasada, ela não deu bronca, não o repreendeu. Com seu amor natural e espontâneo, ela o alimentou com a prasada. Esta era sua infinita compaixão ou sua infinita graça? No entanto, algo fica muito evidente com este acontecimento: sua imensa e completa ausência de egoísmo e autoimportância.

Já vimos anteriormente como Sri Sarada Devi sofreu com catapora durante uma de suas visitas a Koalpara. O sacerdote do templo de Sitala, em Baghbazar, foi contratado para cuidar dela. Ele conhecia um pouco de medicina também e atuava como médico nas regiões próximas dali. Todos os dias, ele ia e oferecia à Santa Mãe flores e prasada da Mãe Sitala. A Santa Mãe tocava os pés dele todos os dias e recebia suas bênçãos. Ao ver isso, um devoto reclamou: “Mãe, o que é isso? Você tocando os pés do sacerdote?! Por favor, não faça isso. Não sabemos que tipo de pessoa ele é, qual o seu caráter, não sabemos nada sobre ele”.

Muito calmamente, a Santa Mãe explicou: “Seja lá o que for, ele é um brâmane. Apenas por este motivo, caso não tenha nenhum outro, ele deve ser tratado com o devido respeito. Sri Ramakrishna não encarnou para destruir qualquer tipo de tradição antiga”.

Este acontecimento também deixa clara a incrível humildade da Santa Mãe. Podemos ver também seu impulso para proteger tudo que há de bom nas tradições antigas da sociedade. Sri Sarada Devi foi adorada pela encarnação da nova era, Sri Ramakrishna, e esta mesma pessoa estava então tocando os pés de um sacerdote comum! Isso pode parecer estranho para nós. Alguns podem até mesmo achar que isso foi longe demais. Tal desconfiança é normal, porque nunca vimos este tipo de humildade natural em ninguém. O que é comum neste mundo é a arrogância e a hipocrisia. As pessoas julgam as outras apenas de acordo com seus próprios padrões. Mas a Santa Mãe mostrou como deixar de lado essa pequenez e dar o devido respeito aos outros, sem qualquer cálculo pessoal. Quando se está ocupado protegendo e projetando sua própria autoimportância, esta humildade genuína exibida pela Santa Mãe é um poderoso remédio para curar a arrogância em todos nós.

Muitos brahmacharis e sannyasis da Ordem Ramakrishna tiveram a boa sorte de receber mantra-diksha e sannyasa-diksha diretamente da Santa Mãe. Assim, ela era a Guru de todos aqueles monges e noviços. Ainda assim, é maravilhoso observar a maneira como ela demonstrava respeito aos monges e aos noviços da Ordem. Ao fazer isso, ela estava levando os outros a fazerem o mesmo. Na verdade, todos os monges, incluindo Swami Vivekananda e Brahmananda, ficavam como criancinhas de três anos perto dela. Como isso era possível? Como poderiam gigantes espirituais como eles ficarem literalmente como criancinhas diante dela? Era porque Sri Sarada Devi tinha dentro de seu coração um oceano de amor maternal! Então, ainda que esses gigantes agissem como crianças perante ela, ela não diminuía sua atitude diante dos monges e brahmacharis. Da parte dela, ela sempre demonstrava o respeito que deve ser dado aos renunciantes. Ainda que eles fossem discípulos dela, ainda que fossem muito mais jovens, ela demonstrava o devido respeito com todos eles, de maneira uniforme. Foi exatamente por este motivo que ela não

concedera sannyasa-diksha ao brahmachari Varada, que era seu assistente. Seu ponto de vista era: seria apropriado para um monge servir uma “mulher casada”¹³ como ela?

Um evento incrível aconteceu quando Sri Sarada Devi estava em Belur Math. Uma tarde, após o almoço, o brahmachari Rashbehari colocou água para lavar as mãos dela. Ela tinha o hábito de lavar tanto os pés quanto as mãos após o almoço, mas o reumatismo a deixava com muita dor quando se agachava para colocar água nos pés. Ao saber disso, o brahmachari Rashbehari considerou como sorte lavar os pés dela com suas próprias mãos. A Santa Mãe disse com certo alarde em sua voz macia: “Oh! Não, meu filho, não. Todos vocês merecem ser adorados pelos deuses!”. Ao dizer isso, mesmo em idade avançada, mesmo com a dor do reumatismo, ela mesma colocou a água nos pés e secou com um pano. Sri Sarada Devi era a Mãe Divina encarnada, mas mesmo assim, ela via os monges e brahmacharis com muita reverência. Este era o máximo respeito que ela demonstrava ao grande ideal da renúncia e do monasticismo. Note também sua humildade de outro mundo que foi expressada neste acontecimento.

Uma pergunta pode surgir em nossa mente: uma vez que todos os monges, incluindo Swami Vivekananda, ficavam como criancinhas diante dela, como surge o questionamento de ela demonstrar respeito a esses monges? Ela, sendo a Mãe Divina do Universo, deveria banhar seus filhos de amor e afeto, por que então deveria demonstrar respeito a eles? Este questionamento atormentava um discípulo dela, Swami Vishweshwarananda. Ele perguntou à Santa Mãe diretamente: “Mãe, como você nos vê?”. Imediatamente ela respondeu: “Como Deus em carne e osso”. O Swami então perguntou: “Mas não somos todos seus filhos? Se você nos vê como Deus, como pode nos considerar seus filhos?”.

¹³ A renúncia e desapego de Sri Sarada Devi eram maiores do que o maior renunciante, não há dúvidas sobre isso. Ainda assim, ela se casou com Sri Ramakrishna tendo o fogo como testemunha, como mandam as tradições hindus. Por isso, ela se considerava uma “mulher casada”. Porém, sua renúncia, desapego e pureza não podem ser comparados a mais ninguém na história humana.

Então ela esclareceu: “Olhe, eu vejo todos vocês como Deus e também os vejo como meus próprios filhos”.

Isto é algo único! Tal visão é sem precedentes. A humanidade não tem registros de alguém chegando sequer perto deste ponto de vista! Perceba a harmonia absoluta entre o humano e o divino na visão de Sri Sarada Devi! Esta é, de fato, uma das maravilhas de sua personalidade capaz de manter uma humildade natural em cada etapa de sua vida.

Lembre-se, no entanto, que não havia nenhuma artificialidade na humildade dela. Não havia nenhum motivo egoísta por trás de sua humildade, nem havia qualquer medo em suas ações, sua humildade também não era devido a um complexo de inferioridade ou por uma estranheza social de sua personalidade. Sua humildade surgia espontaneamente de sua extremamente elevada consciência espiritual. “*Vidya dadati vinayam*”, “a verdadeira educação culmina em humildade”, diz um antigo ditado sânscrito. Enquanto uma pessoa se torna progressivamente educada, a consciência chega a ela de que não há mais nada que ela deva saber. Então, em vez de se orgulhar com arrogância, ela se curva com humildade. Ela se torna faminta por aprender mais e mais e, quanto mais adquire conhecimento, ela simultaneamente se torna mais e mais alerta sobre seus defeitos e se torna mais e mais humilde. Devemos notar que Sri Sarada Devi não foi educada em uma escola ou faculdade. Como ela poderia então desenvolver uma humildade verdadeira se, como vimos, a humildade vem apenas através da educação? De fato, ela não tinha educação acadêmica, no entanto conhecia sua natureza espiritual através da percepção direta. Além do mais, ela era a própria encarnação do conhecimento. Este era o motivo de sua humildade ser tão maravilhosa, de outro mundo e absolutamente incrível. Estudar e pensar profundamente nos acontecimentos de sua vida revela que sua humildade é uma experiência purificadora. De fato, a humildade que surge a partir da experiência espiritual é a

humildade verdadeira. A respeito disso, uma vez ela disse: “Conforme você reza e medita em Deus sinceramente, começará a ver claramente que ‘o mesmo Espírito que está em mim, está em todos, mesmo no mais inferior ser’. Aí então você poderá ser realmente humilde”.

Ainda que Sri Sarada Devi seja o Poder Infinito do Universo, dessa vez ela encarnou em uma forma extremamente simples. Por este motivo, ela estava sempre envolta em humildade enquanto atuava em sua peça divina na Terra. Vemos ver um acontecimento que esclarece esta afirmação:

Isso aconteceu antes do Mahasamadhi de Sri Ramakrishna. Ele estava de cama em Cossipore. Assim como em todos os outros dias, naquele dia Sri Sarada Devi levou o almoço ao quarto dele. Sri Ramakrishna estava reclinado por sobre os travesseiros, seus olhos estavam fechados. Com uma voz muito baixa, ela falou: “É hora do almoço, você poderia levantar-se, por favor?”.

Sri Ramakrishna abriu os olhos devagar. Era como se ele estivesse voltando de um lugar muito distante nos planos espirituais, que era seu lugar de fato. Ele olhou intensamente dentro dos olhos de sua esposa, que estava de pé com o prato de comida nas mãos, e disse: “Olhe, as pessoas de Calcutá estão vivendo como vermes. Você precisa cuidar delas”.

Por que Sri Ramakrishna disse algo assim? Ele já tinha adorado sua esposa como a Deusa Shodashi e a tinha preparado para participar em sua missão divina. Além do mais, por repetidamente dizer coisas como “Ela é a Deusa Saraswati e nasceu para conceder conhecimento às pessoas”, “Ela é uma mulher comum? Ela é o meu poder”, ele tinha declarado abertamente a verdadeira estatura dela para aqueles que eram próximos. Com tudo isso, ele também tinha dito à própria Sri Sarada Devi que ela teria um papel muito importante a executar

mais tarde. Não apenas isso, havia muitos exemplos de quando ele dera a responsabilidade sobre alguns discípulos e devotos para ela. Em outras palavras, havia exemplos de quando ele tinha enviado discípulos e devotos para receberem mantra-diksha e direcionamento espiritual com ela. Desta maneira, ele tentou estabelecer Sri Sarada Devi no pedestal de Guru ainda em vida. Porém, alguém que estava envolta em modéstia, alguém que era a própria humildade encarnada, como foi Sri Sarada Devi, como poderia colocar suas obrigações no papel de Guru espiritual, enquanto seu marido ainda estava vivo? Por isso, durante seus últimos dias, Sri Ramakrishna estava ávido por entregar a responsabilidade do bem-estar espiritual das pessoas de Calcutá à Sri Sarada Devi e assim poder abandonar seu corpo em paz. Este é o pano de fundo daquelas estranhas palavras de Sri Ramakrishna para Sri Sarada Devi: “Olhe, as pessoas de Calcutá estão vivendo como vermes. Você precisa cuidar delas”.

Ela respondeu: “Como isso seria possível? Afinal, sou apenas uma mulher”.

Sri Ramakrishna não concordou e disse novamente: “O quanto posso fazer sozinho? Há muito que deve ser feito por você. Você precisa fazer”.

Então, Sri Sarada Devi respondeu com a voz séria: “Tais coisas acontecerão quando tiverem que acontecer. Agora, coma, por favor”.

Ainda enquanto comia, Sri Ramakrishna voltava ao mesmo assunto com ângulos diferentes dizendo: “Você sabe quanto sofrimento tive que passar ao encarnar como ser humano? Com quem, de fato, posso compartilhar tais assuntos? Porém, não sofrerei sozinho, você também tem uma parcela neste sofrimento”.

Esta é, realmente, uma conversa inacreditável, com grande significado espiritual. Mesmo em seu leito de morte, Sri Ramakrishna não estava preocupado com sua doença fatal, mas com a ignorância espiritual daqueles ao seu redor. Que compaixão! Ele não estava apenas preocupado com aquelas almas ignorantes, mas estava também incentivando sua esposa a fazer algo para erguê-las espiritualmente. Observe que inegoísmo!

Sri Sarada Devi começou a dar desculpas como “Sou apenas uma mulher”, mas quando as coisas ficaram sérias, ela disse com seriedade: “Tais coisas acontecerão quando tiverem que acontecer”. O que isso significa? Significa: “Atravessarei a ponte quando chegar ao rio”, “Agirei quando for o momento”. Ela havia encarnado com o único propósito de ajudar Sri Ramakrishna a estabelecer a espiritualidade no mundo. Ela sabia disso muito bem. Nunca houve um momento em sua vida que ela tenha perdido isso de vista. Mesmo assim, quando Sri Ramakrishna pediu que ela cuidasse do bem-estar espiritual daquelas almas ignorantes, pedindo que ela assumisse efetivamente o papel de “Guru espiritual”, sua humildade natural brilhou e ela disse: “Como isso seria possível? Afinal, sou apenas uma mulher”. Este comentário era muito adequado e muito típico de sua personalidade!

Ela poderia ter respondido: “Ótimo, o que há nisso? E eu não sei sobre este trabalho pendente? Tenha certeza que farei tudo”. Essas palavras teriam sido uma resposta direta ao questionamento de Sri Ramakrishna, mas qual a mentalidade e os sentimentos que isso teria aludido sobre quem respondesse desta maneira?

Considere um cenário alternativo. Para acalmar o marido, ela poderia, com toda humildade, ter dito algo como: “Tudo bem, devido a sua vontade, cuidarei do desenvolvimento espiritual daquelas pessoas”. No entanto, a personalidade de Sri Sarada Devi era tamanha que não havia qualquer possibilidade de tal egoísmo. Mas como Sri Ramakrishna estava sendo muito teimoso

e não desistiria até que tivesse o consentimento dela sobre o assunto, tudo que ela fez foi dar uma resposta indireta: “Tais coisas acontecerão quando tiverem que acontecer”. Devemos apreciar a total falta de ego nesta resposta, não havia qualquer sentimento de “Farei isso”. Tudo o que vemos é uma atitude suprema de desapego: “Quando chegar o momento certo, tudo acontecerá de acordo. Não preciso fazer nada”.

Devemos notar algo importante aqui. A resposta que Sri Sarada Devi deu não foi para agradar o marido, nem foi devido ao seu apurado senso de modéstia. Mais tarde, quando dava mantra-diksha e sannyasa-diksha, ela mantinha o mesmo senso de desapego que naquela ocasião. Aspirantes espirituais se aglomeravam perto dela, de dia e de noite, atraídos por sua aura espiritual. Centenas de devotos faziam fila para obter suas bênçãos. No entanto, nem uma vez sequer, ela sentiu como se aquela multidão fosse até ela devido a “sua” grandeza. Com relação a isso, uma vez ela disse: “É Sri Ramakrishna que traz todas essas pessoas para cá”. Ela também dizia: “Não, não. Não sou ninguém. Sri Ramakrishna é quem abençoa a todos eles através de sua infinita graça. Eu sou apenas um instrumento”.

Através destas palavras, obtemos uma visão sem precedentes da humildade da Mãe Divina do Universo. O jogo divino de Sri Sarada Devi era, de fato, sem comparações. Nunca antes tinha a Mãe Divina acalmado a arrogância no homem desta forma. Os *Puranas* retratam as batalhas sangrentas que a Mãe Divina travou para destruir os demônios. O *Kena Upanishad* conta a história de como a Mãe Divina encarnou como Uma Haimavati para acalmar o egoísmo dos deuses. No entanto, o que Sri Sarada Devi fez em sua mais recente encarnação? Por ter, ela mesma, encarnado a humildade suprema, ela despertou a humildade na humanidade. Que método inovador, não é mesmo?! Devemos observar a fragrância divina da humildade soprando em cada evento único de sua vida. Sua vida deve ser estudada,

repetidamente, com este ponto de vista. Então, nossa personalidade será moldada de maneira verdadeira.



Jai Maa